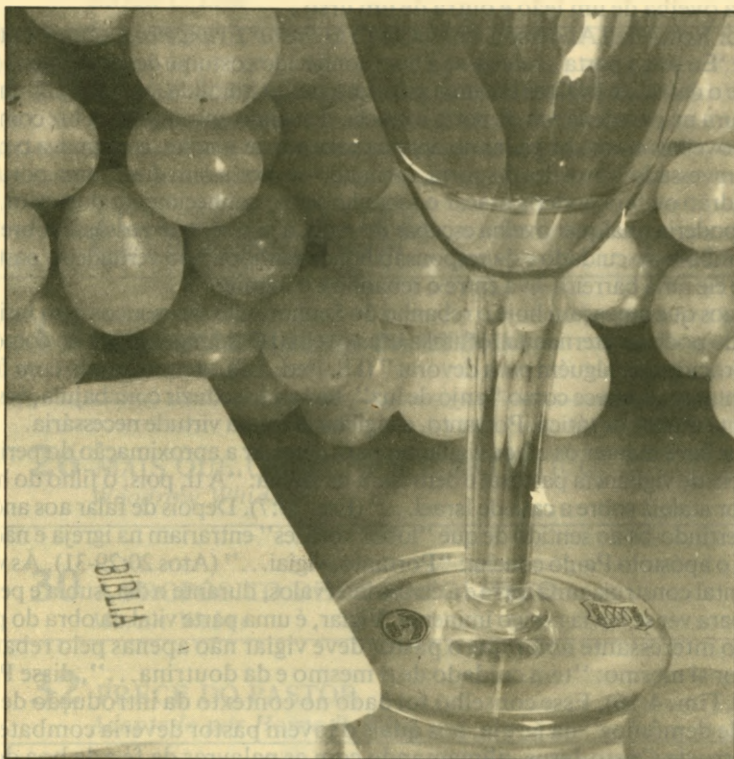


MINIS/ÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreiros



TEOLOGIA BÍBLICA DA BEBIDA

É necessário vigiar

A figura do pastor é, indubitavelmente, mais que apropriada para descrever o relacionamento que deve existir entre os líderes da Igreja e os membros. Nela está implícita a idéia de proteção, guia, cuidado, provisão, ensino, cura, salvação, vigilância, etc. Como se pode ver, os deveres de um pastor para com o rebanho são muitos.

Ao estudarmos a experiência dos pastores orientais com seus rebanhos, podemos notar que as ovelhas são criaturas frágeis e indefesas. Ao contrário de outros animais, que podem proteger-se, a ovelha não tem meios de defesa. Corre, portanto, o perigo de ser atacada e destruída por algum animal selvagem da floresta. É aí que se evidencia a necessidade de um pastor que esteja sempre alerta, destemidamente. Ainda jovem, Davi salvou uma ovelha de um leão e outra de um urso.

O Pastor Roy Allan Anderson, em seu livro *O Pastor Evangelista*, observa que “quando Jesus disse: ‘Eu sou a porta’, referia-se a bem conhecido costume desses homens corajosos. Geralmente o curral de ovelhas era uma estrutura muito humilde, com apenas uma entrada. Uma abertura na parede servia de porta e janela, deixando entrar tanto a luz como o ar. Quando as ovelhas eram abrigadas no aprisco para passar a noite, costumava o pastor deitar-se atravessado na soleira da porta, tornando-se, por assim dizer, uma porta viva. Nenhum ladrão ou fera poderia atacar o rebanho sem o conhecimento do pastor. Nem tampouco poderia qualquer ovelha escapar do redil, a não ser que passasse sobre o seu corpo. Que belo símbolo do cuidado e da responsabilidade sentidos pelo verdadeiro pastor! Tornava-se ele uma barreira viva entre o rebanho e o inimigo”.

Os perigos que ameaçam hoje o rebanho do Senhor, não são poucos nem insignificantes. Um descuido pode ser eternamente fatal a uma ovelha. O inimigo é descrito como um “leão que ruga, procurando alguém para devorar” (I S. Ped. 5:8), atemorizando com fúria. Outras vezes, no entanto, aparece como “anjo de luz”, tentando seduzir com bajulações, quando lhe é conveniente mudar de tática. Portanto, a vigilância é uma virtude necessária.

O pastor deve manter os olhos vigilantes para detectar a aproximação do perigo. Com efeito, a idéia de vigilância pastoral é bem clara na Bíblia: “A ti, pois, ó filho do homem, te constitui por atalaia sobre a casa de Israel. . .” (Eze. 33:7). Depois de falar aos anciãos de Éfeso, advertindo-os no sentido de que “lobos vorazes” entrariam na igreja e não poupariam o rebanho, o apóstolo Paulo conclui: “Portanto, vigiai. . .” (Atos 20:29-31). Às vezes, o pastor oriental construía uma torre e a certos intervalos, durante o dia, subia e perscrutava a paisagem para ver se havia perigo iminente. Vigiar, é uma parte vital da obra do pastor.

É muito interessante notar que o pastor deve vigiar não apenas pelo rebanho, mas também por si mesmo: “tem cuidado de ti mesmo e da doutrina. . .”, disse Paulo a Timóteo (I Tim. 4:16). Esse conselho foi dado no contexto da introdução de heresias, “ensinos de demônios” na igreja, aos quais o jovem pastor deveria combater, “como bom ministro de Cristo Jesus, alimentando com as palavras da fé e da boa doutrina. . .” (I Tim. 4:1 e 6).

Ao entregarmos mais uma edição de *Ministério*, estamos seguros de que os assuntos veiculados trarão subsídios para enfrentarmos, com êxito, os perigos que nos ameaçam, como pastores e como Igreja. O inimigo está irado, porque sabe que “pouco tempo lhe resta”. E age sutilmente, porque, imagina, assim poderá apanhar-nos desprevenidos. Não podemos vacilar. Escudados por Jesus, o Supremo Pastor, não vamos vacilar.

Obedeçamos ao conselho de Paulo: “Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a igreja de Deus, a qual Ele comprou com o Seu próprio sangue.” (Atos 20:28). — *Zinaldo A. Santos*

MINISTÉRIO

Ano 64 - Número 2 - Mar/Abr. 1993 - Periódico Bimestral
Uma Publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia Para Pastores e Obreiros



EDITORIAL

- 2** É NECESSÁRIO VIGIAR
Zinaldo A. Santos

ARTIGOS

- 4** AS ARMADILHAS DA NOVA ERA
Elizeu C. Lira

- 10** O QUE DIZER SOBRE AS CARNES BRANCAS
J. A. Schaffenberg

- 13** EU COMETI ADULTÉRIO
Roger Bryant (pseudônimo)

- 17** TEOLOGIA BÍBLICA DA BEBIDA
Roger S. Evans

- 26** MAIS QUE UM RETOQUE ARTÍSTICO
Woodrow Whidden

- 30** A PROPÓSITO DE JOGO POLÍTICO
Martin Weber

- 32** PRECE DO PASTOR
Adaptado por Horne P. Silva

Gerente Geral: Carlos Magalhães Borda; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Redator responsável:** Zinaldo A. Santos; **Diretor de Arte:** Erlo Köhler; **Diagramação:** Darlene Camargo; **Colaboradores Especiais:** Amasias Justiniano, Jaime Castrejón; **Colaboradores:** Wilson Sarli, Pável Moura, Jefte Carvalho, Newton Brito de Oliveira.
Capa: A F C

Todo artigo ou correspondência para a revista **MINISTÉRIO** deve ser enviados para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 — 70279-970 — Brasília, DF.

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Rodovia SP 127 — km 106 — 18270-000 — Tatui, SP.

As armadilhas da Nova Era

ELIZEU C. LIRA
Redator na Casa Publicadora
Brasileira.

Desde os primórdios da História humana existe uma tendência constante de rompimento com o sistema vigente. As leis, as regras sociais e normas de convivência são tidas na categoria de obsoletas. Isso faz com que as propostas de mudanças não apenas sejam bem-vindas como, também, passem a ser vistas com fascínio e perseguidas com todas as forças.

Neste final de século e de milênio, a questão de ordem não é diversa. Pelo contrário, a decepção dos povos com os sistemas políticos em curso, ou já experimentados, tem causado um forte anseio por justiça, paz e segurança, que leva os homens mais do que nunca a desejarem algo novo.

Como afirma Brooks Alexander, fundador do *Spiritual Counterfeits Project* (Projeto Falsificações Espirituais), "Este tipo de visão de maneira alguma é apenas objeto de um sonho utópico e vão! Pelo contrário. As mais antigas tradições da humanidade concordam entre si em sua expectativa de um tempo de paz, verdade e harmonia. Pode se tratar da esperança de um alegre reino milenar ou a Era de Aquário, uma era de iluminação; também pode ser chamado o próximo passo na evolução do homem, Nova Era ou transformação vindoura. Qualquer que seja o nome desta esperança, multidões anseiam por ela, e muitos se empenham para que ela se torne realidade".¹

Histórico e significado

Nestes últimos dias, milhares de pessoas estão sendo atraídas a um movimento de configuração mundial que traz em seu bojo a promessa de solu-

ção para os mais angustiantes problemas da humanidade. A Nova Era procura criar um novo estado de coisas visando a uma unificação política, econômica e religiosa entre todas as pessoas. É a substituição da época de peixes (símbolo do cristianismo) pela Era de Aquário. A promessa do movimento é: paz e segurança sob a égide de um novo sistema mundial, que redundem na felicidade para o homem.

A gênese desse movimento pode ser traçada a partir do ano de 1875, quando a russa Helena Petrovna Blavastsky obteve comunicações com os "Mestres Cósmicos" que lhe informaram sobre a necessidade da implantação de uma nova ordem em âmbito mundial, baseada num determinado plano cujos símbolos, detalhes e objetivos finais lhe foram anunciados pelos referidos mestres. Esse plano, para cuja elaboração final contou com "mensagens" recebidas pela médium inglesa Alice Bailey, deveria durante 100 anos ser do conhecimento apenas de pessoas "iluminadas" e depois então ser gradativamente divulgada de forma aberta.²

Objetivo e crenças

Unidade na diversidade", esse é um dos *slogans* da Nova Era que se propõe a instituir uma nova ordem mundial caracterizada pela consciência de grupo e pelo espírito de cooperação. O objetivo político é caminhar para o domínio do mundo. Para que isso ocorra, o movimento conta com milhares de organizações e pessoas espalhadas por todo o planeta, que defendem o plano da Nova Era e trabalham

intensamente na promoção ou divulgação das suas idéias. Entre esses, na hierarquia espiritual da Nova Era, encontramos o *Novo Grupo de Servidores do Mundo* formado por pessoas que trabalham pela implantação desse novo sistema.

Para a socióloga norte-americana Marilyn Ferguson, autora do *best-seller Conspiração Aquariana*, a bíblia desse movimento, “está se armando uma vigorosa rede, sem lideranças, que trabalha para transformar radicalmente o nosso mundo. Os seus membros libertaram-se de determinadas concepções que marcam a mentalidade ocidental... essa rede é a conspiração suave sob o signo de Aquário. Uma conspiração destituída de doutrinas e manifestos políticos. Conspiradores ativos fazem perguntas incômodas, questionando o *establishment* num processo que vai de dentro para fora”.³

Essa marcação cerrada de posições, tendo em vista ocupar “espaços estratégicos” e novos adeptos, segundo Alice Bailey, está presente em todas as denominações religiosas e tende a se intensificar: “Há anos eu dizia que a guerra, que viria depois desta, seria travada no campo das religiões mundiais. Porém esta batalha não pode ocorrer mediante o assassinato e derramamento de sangue. Ela será travada, principalmente, no campo espiritual usando as idéias. Também abrangerá o campo emocional, e isso, em referência ao posicionamento de idealismo fanático dos fundamentalistas. Este fanatismo enraizado, que sempre pode ser encontrado nos grupos reacionários, irá combater o surgimento e a expansão da religião vindoura e do esoterismo. ... É de se esperar que eles vão lutar pela ordem vigente... eles estão se preparando para isto... a futura batalha será travada dentro das igrejas”.⁴

Sincretismo religioso

Talvez a melhor representação ou modelo que se aplique à Nova Era seja o apresentá-la como um enorme guarda-chuva sob o qual estariam abrigadas ou virão a abrigar-se as mais diversas religiões, seitas, ideologias e correntes filosóficas. Segundo Georges Stéveny, “Ela pretende ser a super-religião, a síntese e superação de todas as religiões, a superideologia, a superética, o supertudo”.⁵

A religião da Nova Era não pretende eliminar, em princípio, as outras religiões e nem mesmo identificar-se como uma nova religião. O seu projeto consiste em “converter” as religiões vigentes aos moldes de suas doutrinas, infiltrando-as no seio dessas religiões constituídas.

Ela deseja convergir a si o judaísmo, o islamismo, o cristianismo e as religiões orientais; promovendo, dessa forma, a descaracterização da fé. Através da sutileza de seus ardís, pretende alcançar os seguintes alvos:

- *Descaracterização da personalidade de Deus.* Deus é tudo. Ele é apresentado como uma força, uma energia, uma consciência universal; o que traduz a fina essência do panteísmo.

- *Deificação do homem.* Despertar o homem para a conscientização de que ele pode chegar a ser um deus por meio do desbloqueio das energias cósmicas presentes no corpo humano.

- *Extinção da idéia de pecado.* Eliminar a consciência do pecado como elemento responsável pela degeneração do homem, substituindo-a pela ignorância sobre a sua própria divindade; o que o ser humano precisa é se tornar cada vez mais consciente de suas potencialidades.

- *Negação do juízo.* Eliminar a consciência do julgamento futuro, substituindo-a pelo processo da reencarnação. A essa visão satânica estariam associados diversos tratamentos médicos e terapias psiquiátricas ou psicológicas tais como: Regressão e Terapia das Vidas Passadas.

- *Implantar uma nova liderança espiritual.* Decretar como o primeiro e o melhor mestre o *Maitreya* (o cristo da Nova Era). Há uma febre de esperanças e expectativas por toda a parte. Os judeus até hoje esperam o seu Messias, os muçulmanos o seu Imán Majdi, os budistas esperam o quinto Buda e os cristãos o advento de Jesus Cristo. Para a Nova Era, esses mestres desempenharam funções excepcionais guiando a humanidade no decurso de suas existências. “Porém agora o *Maitreya*, que alcançou o mais alto grau na escala espiritual, o sétimo, está a ponto de inaugurar oficialmente a Nova Era, impondo a todos os homens a nova religião. Os que a rechaçarem sofrerão represálias e o extermínio.”⁶

Através dos anos, principalmente nestas duas últimas décadas, os meios de comunicação vêm trabalhando a cabeça das pessoas no sentido de aceitarem práticas e conceitos ocultistas que fundamentam os princípios básicos desse movimento. As crenças populares foram manipuladas e conduzidas nessa direção, haja vista o fato de a Nova Era alimentar-se das fontes místicas assim como o parasito do corpo sobre o qual está agarrado.

No Brasil, há dois periódicos que muito contribuem para a propagação dessas idéias. São as revistas "Planeta" e "Ano Zero" que juntamente com outras publicações, jornais e livros, têm alcançado grande êxito no sentido de popularizar o espiritualismo, as práticas esotéricas tais como: Energização, Clarividência, Telepatia, Cristaloterapia, Meditação transcendental, Hipnose, Yoga, Ufologia, Pirâmides, Cosmvisão, etc.

Quando se fala em livros, o grande *boom* no mercado editorial se dá com os livros esotéricos. A procura é grande. Nunca se vendeu tanto, afirmam os editores e livreiros. Os livros de ocultismo e outros que apresentam uma visão do mundo "dos espíritos" figuram entre os mais vendidos em todo o País. Na XI Bienal do Livro, em São Paulo, foram vendidos cerca de 6.500 livros espíritas.

O escritor mais vendido no Brasil é o esotérico Paulo Coelho, mago de uma ordem espanhola chamada *Regnum Agnus Mundi* (RAM). Com livros de qualidade literária questionável, recheados de mal contadas histórias metafísicas, banhadas de um misticismo difuso, mas altamente lucrativos só ele conseguiu a proeza de colocar, ao mesmo tempo, quatro livros — *As Valquírias*, *O Alquimista*, *Brida* e *Diário de Um Mago* — entre os dez mais vendidos em todo o Brasil.⁷

Para chegar ao *status* de celebridade por seu misticismo altamente rentável, Paulo Coelho precisou percorrer muitos caminhos, provavelmente como uma preparação para o que viria depois. Segundo informa Robson Luiz Ramos⁸, além de uma passagem pelas drogas ele foi *hippie*, budista, xintoísta, hare-krishna e adepto dos "meninos de Deus". No plano "ma-

terial" compôs várias músicas com o roqueiro Raul Seixas, dirigiu uma revista falida e escreveu algumas peças teatrais que não deram em nada. Tudo indica que, depois de muito tentar e buscar, como muitos outros que andam por aí explorando o sagrado e a religiosidade, o mago Paulo Coelho conseguiu tirar do chapéu do misticismo o seu coelho dourado.

Catequese infantil

Como todos os movimentos religiosos ou ideológicos que visam à manipulação das consciências individuais, moldando conceitos e redefinindo novos padrões de comportamento, a Nova Era tem como público-alvo em caráter especial os jovens e as crianças. Nessa direção ela investe maciçamente na música, nas diversas áreas culturais e, principalmente, nas programações dos grandes meios de comunicação de massas.

De longe desponta como o mais importante meio de disseminação dos princípios da Nova Era. Seus programas promovem o questionamento e destruição das instituições (o casamento e família, por exemplo), dos valores morais; essa corrosão dos princípios éticos e religiosos propicia o ambiente ideal para a implantação de uma Nova Era no comportamento humano.

A programação infantil, como afirma o Pastor Joel Stevanato em "*Nova Era — O Preparo do Mundo Para o Reinado do Anticristo*", baseia-se num seguinte fato ou "pregação": A solução para os problemas da humanidade está na vinda de um ser de outro planeta que, com seus poderes sobrenaturais, ajuda aos homens. É exatamente isso o que a Nova Era prega — é o He-Man com sua espada mágica, Jaspion, Chargeman, As Tartarugas Ninjas, entre muitos outros, que estão impregnados de artes marciais e, o que é pior, cheios de princípios de Cosmvisão e Espiritismo.

O programa da Xuxa, que durante muitos anos foi ao ar, possuía na sua abertura um arco-íris, que para a Nova Era significa a ponte de ligação da alma do homem com as forças do cosmos e com o próprio Lúcifer, e um unicórnio, símbolo da absoluta liberdade de opção sexual. No final, ela se "despedia do planeta Ter-

ra” e subia numa nave espacial. Isso provocou as mais impressionantes manipulações na mente infantil. As pessoas, que estão sendo acostumadas desde a infância a verem os seres de outros planetas (Cosmos) como bonzinhos, engraçados e meigos (veja o Alf e o E.T., por exemplo), associam os fatos e introduzem esses falsos ensinamentos como sendo conceitos reais em sua existência (para verificar isso é só olhar para as bilheterias de filmes do gênero “Guerra nas estrelas”, “O império Contra-ataca” e o próprio E.T. — recorde de bilheteria de todos os tempos — e o avanço da Ufologia).

Medicina Holística

Uma das mais perigosas armas na estratégia dos enganos satânicos é o que militarmente chamamos de simulação. Essa palavra deriva do verbo simular que significa “fingir, representar com semelhança; aparentar; disfarçar; fazer o simulacro (efígie, estátua, figura que imita outra verdadeira)”.⁹ O que traduz-se como sendo o esforço deliberado de Satanás em apresentar o erro como verdade e, também, valendo-se de coisas em si mesmas boas e verdadeiras, pervertendo-lhes o sentido, colocar diante de nós “meias-verdades”.

A medicina da Nova Era comanda uma parafernália de tratamentos e recursos terapêuticos, todos esses abrigados sob nomes pomposos tais como: Medicina Humanizada, Medicina Alternativa, Medicina Psicossomática ou Medicina Holística. Todos esses nomes, ou práticas na área de saúde relacionadas aos mesmos, consistem no contexto da nova Era de perversões da verdade. É o que se denomina “partir de premissas verdadeiras e estabelecer conclusões falsas”; ou formular um falso modelo a partir de um princípio genuíno e inquestionável.

O princípio em si é a psicossomática, a irrefutável interrelação entre a psiquê (mente) e o soma (corpo). Cerca de cinco séculos antes de Cristo o sábio Salomão já afirmava: “Porque como imaginou na sua alma, assim é” (Provérbios 23:7).¹⁰ A Nova Era perverte esse princípio amalgamando-o com a cosmovisão, o ocultismo e as práticas orientais.

Segundo a crença hinduísta, adotada

pela Nova Era, o homem possui em seu corpo centros energéticos chamados Chakras que possuem uma energia denominada *Cundalini*, a qual precisa ser despertada. A Yoga, entre outras práticas transcendentes, funciona como um elemento despertador da *Cundalini*. Esses centros energéticos estão ligados a espíritos situados fora do corpo, numa região denominada região astral. Através da Yoga esses espíritos são atraídos e despertam a energia adormecida.

Um artigo publicado no jornal “*Metrô News*” em 10 de outubro de 1991 expressa de maneira clara o que a Nova Era apresenta como Medicina Psicossomática ou Holística: “... É fundamental, para a saúde, considerar o homem total: físico, o corpo energético (alma), e espírito — cuja manifestação mais conhecida é a mente humana... Sendo o homem uma triplíce unidade, conclui-se que é necessário uma equipe multidisciplinar para cuidar de sua saúde, afirma o frei Miguel Lucas. Essa equipe incluiria: médicos, psicólogos, parapsicólogos e teólogos... A parapsicologia estuda o corpo energético que é formado por dois campos de energia, um cósmico (positivo, advém do espaço) e outro telúrico (negativo, advém da crosta terrestre)”. Segundo a pregação da Nova Era, a saúde é proveniente do equilíbrio entre essas duas forças.

Pensamento positivo

A Nova Era pretende criar um novo homem e um novo mundo recorrendo unicamente às potencialidades interiores do próprio ser humano. Esse movimento pretende despertar o homem para a conscientização de que ele não é diferente de Deus, pois possui uma substância luminosa divina. Através dos seus ensinamentos e práticas o homem é deificado, torna-se deus e senhor de seu destino. Ele é levado dessa forma a buscar a solução para os seus problemas em si mesmo. Não precisa de Deus, é deus. Só precisa desbloquear a sua energia realizadora.

Todos os processos terapêuticos, como vimos, todos os desenvolvimentos do ser humano (em todas as áreas e níveis), convergem para esse ponto na ótica, filosofia e práticas da Nova Era. Para citar apenas

um exemplo no tocante aos processos curativos desse movimento, o tratamento à base de remédios florais, através do seu maior expoente, enuncia: “Todo processo verdadeiro de cura é uma afirmação da nossa totalidade. . . nos pontos de mudança de chave da nossa personalidade, onde as energias vitais são canalizadas de modo errado ou bloqueadas, os remédios restabelecem contato com a nossa totalidade, a nossa verdadeira fonte de energia . . . em última instância, nós mesmos, o princípio universal da cura ou o divino poder de cura existente dentro de nós, permitimos e possibilitamos a cura”.¹¹

Outra das grandes vertentes disseminadoras desse pensamento são as publicações conhecidas como livros de auto-ajuda. São títulos tais como: *Realize as Suas Aspirações, Você Pode se Acha que Pode, Você Pode Curar sua Vida, O Poder do Pensamento Positivo*, entre outros. No Brasil, o grande expoente dessa corrente literária é o médico Lair Ribeiro que, após o sucesso estrondoso dos seus volumes de estréia, *O Sucesso Não Ocorre Por Acaso* e *Comunicação Global*, lançou *Prosperidade — Fazendo Amizade com o Dinheiro*, com o qual pretende atingir a inacreditável soma de 1 milhão de exemplares vendidos.

“Seus livros são cerebrais. Mesmo. Ensinam as pessoas a expandirem seu potencial de inteligência e a acabar com o uso limitado que se faz do cérebro.”¹² Lair Ribeiro, que aparece logo depois de Paulo Coelho com o 2º e o 3º lugares entre os dez livros mais vendidos em todos o País, justifica o seu grande sucesso com a seguinte afirmativa: “A auto-ajuda é um fenômeno mundial. O indivíduo se conscientizou que é o responsável por si mesmo”.¹³

Para se conferir como essas idéias estão disseminadas e arraigadas na cabeça das pessoas é só ler a entrevista do jogador de futebol Raí, nas páginas amarelas da revista *Veja*. Reproduzimos a seguir parte do texto:

“*Veja* — Você é místico?”

“*Raí* — Não sou esotérico de carteirinha, mas tenho o hábito de pensar positivo, acreditar que pode dar certo. Acho que isso atrai coisas boas e vejo resultados práticos na minha vida.

“*Veja* — É o pensamento positivo que garante o seu bom desempenho nas finais?”

“*Raí* — Acho que ajuda muito. . . No

Japão, senti uma energia muito forte antes do jogo e consegui marcar os dois gols.”¹⁴

Falso evangelho

Temos apresentado diversas das inúmeras vertentes dos ensinamentos enganosos da Nova Era; porém, apenas tocamos na pontinha do imenso *iceberg* que começa a “desnudar-se” diante de nós. A mais profunda análise desse movimento, suas correspondentes e incalculáveis implicações, estão diante de nós. O espaço, contudo, permitirá apenas uma breve reflexão quanto a esse sentido maior que permeia todos os ensinamentos e práticas da Nova Era.

A questão central envolve o cerne do evangelho. “A opinião de que não é de consequência alguma o que os homens creiam, é um dos enganos mais bem-sucedidos de Satanás. Ele sabe que a verdade, recebida por amor à mesma, santifica a alma de quem a recebe; portanto, está constantemente a procurar substituí-la por falsas teorias e fábulas, ou por outro evangelho.”¹⁵

A Nova Era surgiu com uma nova proposta ou reinterpretação do evangelho. Isso é evidenciado pela natureza dos seus ensinamentos e práticas e torna-se claro pelas afirmativas dos seus adeptos e líderes mundiais. O físico David Bohm, afirmou: “Vamos sair das igrejas demasiado estreitas, vamos abandonar as religiões esclerosadas, vamos abrir-nos a todas as correntes vitais. . . O evangelho é um paradigma ultrapassado. Temos que apresentar um novo”.¹⁶

Benjamim Creme elimina as dúvidas quanto à natureza deste “novo evangelho” ao dizer que “as igrejas cristãs têm oferecido ao mundo uma concepção de Cristo inaceitável para o homem moderno: a idéia de um único Filho de Deus, sacrificado por um Pai amoroso, com o fim de salvar-nos da consequência de nossos pecados; em um sacrifício cruel, tomado diretamente da velha lei judaica”.¹⁷ Creme ainda sentencia: “Nós temos recusado essa concepção. . .”

A base de toda religião falsa inequivocamente levará sempre o ser humano a olhar para dentro de si, desviando os seus olhos da cruz e da obra completa da salvação na pessoa de Cristo. Essa tendência é tão velha quanto o nosso mundo, tão antiga quanto o pecado (ver Gênesis 4:3 a 5; Mateus 14:25 a 30; Lucas 18:9 a 14).

Até mesmo os discípulos de Jesus estavam constantemente pendendo para esse lado: “Então regressaram os setenta, possuídos de alegria, dizendo: Senhor, os próprios demônios se nos submetem... alegrai-vos, não porque os espíritos se vos submetem, e, sim, porque os vossos nomes estão arrolados nos Céus” (Lucas 10:17 a 20).

Jesus buscava sempre fazer convergir os olhos dos Seus discípulos e demais seguidores para a Sua Obra, o Seu sacrifício (verdadeiro evangelho). Procurava retirá-los da destrutiva autocontemplação, do auto-regozijo e auto-realização através de suas míseras experiências. Já a Nova Era labora em sentido inverso: nega todo o valor da obra e sacrifício de Cristo e faz do homem o seu salvador, o seu deus.

Conclusão

Como vimos, é fato incontestável que não apenas aquilo em que alguém crê, mas da maneira como crê, determina o que essa pessoa vem a ser. Desta forma, crer num falso evangelho levará sempre as pessoas a trilharem caminhos falsos, a alimentarem pensamento enganoso e a praticarem atos espúrios.

A luta sem tréguas de Satanás tem como grande objetivo levar pastores e líderes, e, através desses, os membros, a esporem idéias equivocadas no que tange à salvação; ele procurará sempre levá-los à adoção de um falso evangelho. A Nova Era está aí com as suas multiformes propostas que configuram o falso evangelho. Não podemos ignorá-la, pois do contrário poderemos nos ver presos em suas sutis redes sem nos darmos conta. Isso tem sucedido com milhares de pessoas.

O evangelho da Nova Era é a ressurreição da velha religião babilônica com sua filosofia e suas práticas. O princípio babilônico, essência e substância da Nova Era, se expressa por este sentimento: “Façamo-nos um nome” (Gên. 11:4). O sentido do princípio babilônico concentra-se em sua glorificação pessoal e confiança no mérito humano. O pecado do orgulho, da independência de Deus, se originou no coração de Lúcifer (ver Isaías 14:12 a 14) e se tornou o traço dominante do falso evangelho. “O princípio de que o homem se pode salvar por suas próprias obras jaz à base de toda religião pagã...”¹⁸ A Nova Era é a mais abrangente obra do paganismo de todos os tempos. Vamos vacinar nossas igrejas contra seus ensinamentos e práticas destrutivas!

1. Gerhard Sautter, *New Age a Nova Era à Luz do Evangelho*, pág. 20.

2. Joel Stevanato, *A Preparação para o Reinado do Anticristo*, pág. 2.

3. Gerhard Sautter, *New Age a Nova Era à Luz do Evangelho*, pág. 99 (o Dicionário New Age, publicado pela editora católica Herder, define “suave conspiração”, à qual Ferguson se refere, como “a atuação daqueles que, sob o signo de Aquário, compreendem-se como advogados subversivos e complacentes de uma humanidade global, baseada em novos valores e impulsionada por um desejo de realização altamente espiritualista”).

4. Alice Bailey, *The Esternalisation*, págs. 453 e 454.

5. Georges Stéveny, *Revista Adventista de Espanha*, Julho de 1992, pág. 10.

6. Georges Stéveny, *Revista Adventista de Espanha*, Outubro de 1992, pág. 8.

7. *Jornal do Brasil*, suplemento Domingo, 13 de Dezembro de 1992, pág. 30.

8. Gerhard Sautter, *Op. Cit.*, pág. 97.

9. Francisco da Silveira Bueno, *Novo Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*, Edições Fortaleza, 1972.

10. *Edição Revista e Corrigida*, 1ª Impressão, Rio de Janeiro, 1976.

11. Mechthild Scheffer, *Terapia Floral do Dr. Bach Teoria e Prática*, págs. 9 e 10.

12. *Jornal do Brasil*, Suplemento Domingo, 13 de Dezembro de 1992, pág. 30.

13. *Idem*, pág. 31.

14. *Veja*, 23 de Dezembro de 1992, pág. 12.

15. Ellen White, *O Grande Conflito*, pág. 525, 28ª edição.

16. Georges Stéveny, *Revista Adventista de Espanha*, Julho de 1992, pág. 11.

17. *Idem*.

18. Ellen White, *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 32, 14ª edição.

O que dizer sobre as carnes brancas?

J. A. SCHAFFENBERG

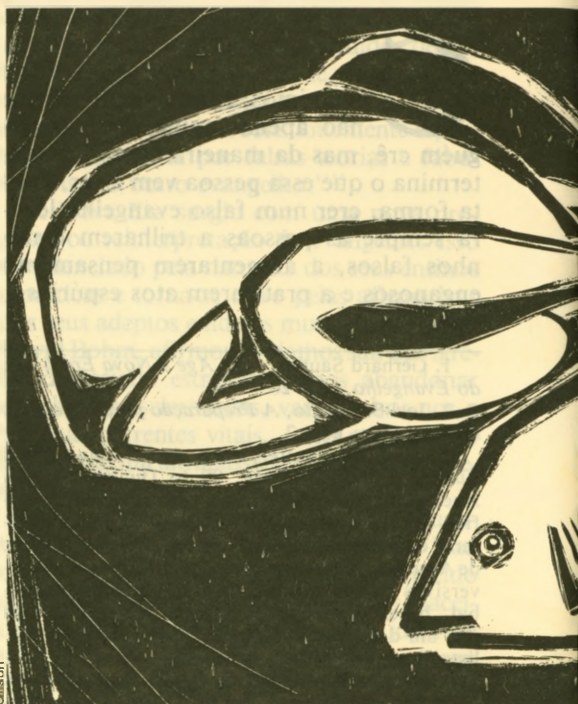
Diretor do Pacific Health Education Center, Bakersfield, Califórnia. Professor adjunto de Nutrição na Universidade Loma Linda.

Muitas pessoas já sabem que as chamadas carnes vermelhas (vaca, porco, carneiro, etc.) não representam o melhor para a saúde. Mas o que sabem elas a respeito das carnes brancas (peixe, galinha), recomendadas por autoridades de saúde?

Quando os pesquisadores descobriram que as gorduras saturadas exerciam papel decisivo na elevação das taxas de colesterol no sangue, os cientistas passaram a recomendar o abandono das carnes vermelhas e o uso das carnes brancas, considerando que estas contêm uma quantidade menor de gordura, e muito menos ainda gorduras saturadas, do que aquelas.

Agora há uma livre oscilação do pêndulo voltando mais no rumo da abstenção do colesterol na dieta, do que da preocupação com as gorduras saturadas. A origem do colesterol é apenas animal, enquanto que as gorduras saturadas vêm de animais e plantas. Entretanto 70% das gorduras saturadas é de origem animal.

O Dr. Jeremias Stamler, renomada autoridade em fatores de riscos de ataques cardíacos, reexaminou quatro grandes grupos populacionais e descobriu alguns fatos interessantes. Aquelas pessoas que consumiam 2 mil calorias diárias, absorviam 200 miligramas de colesterol (uma gema de ovo grande contém 213 miligramas) e elevavam sua taxa de colesterol para 600 mg diárias, aumentando assim os riscos de ataque do coração em 30%. Se eles conseguirem reduzir de 600 para 200 mg, automaticamente também diminuirão os



riscos de morte por ataque cardíaco, e até por câncer, em 37%. Isso é equivalente a cerca de mais três anos e meio de vida.

O Dr. Stamler estabelece ainda que se nós conseguirmos eliminar o colesterol da dieta, as gorduras saturadas cuidarão de si mesmas. Ele esclarece que, segundo experiências realizadas com animais, pequenas doses de colesterol poderão causar endurecimento das artérias, muito embora não apresentem considerável aumento de

colesterol no sangue. Noutras palavras, uma pessoa necessita alimentar-se adequadamente, com uma dieta pobre em colesterol, mesmo se o nível dessa substância seja normal.

Já o Dr. Blankenhorn, da *University Of Southern California*, colocou pacientes portadores de artérias coronárias bloqueadas sob uma dieta de menos de 250 mg de colesterol e menos de 8% de calorias diárias como gorduras saturadas. Ao examiná-los, após um ano, ele encontrou que suas artérias estavam mais bloqueadas do que antes. Na verdade, a dieta não fora suficientemente boa para ajudá-los.

Por sua vez, o Dr. Ornish tinha pacientes com artérias bloqueadas sob uma dieta que era baixa em gorduras saturadas e que permitia apenas 12 mg de colesterol

vaca. Há 69 mg de colesterol em 100 g de carne de galinha servida numa refeição, e 70 mg na mesma quantidade de carne de vaca. Galinha é um alimento rico em colesterol, ainda que não ocorra o mesmo em relação às gorduras saturadas.

Mas o que acontece se alguém usa apenas a carne branca, frango frito por exemplo, removendo-lhe a pele e escaldando-o para tirar a gordura? Evidentemente isso é melhor, desde que reduz a quantidade de gordura; mas em proporção equivalente ao seu peso, ainda conserva bastante colesterol. Carnes magras, por exemplo, possuem ligeiramente mais colesterol do que as gordas, levando-se em conta o seu peso.

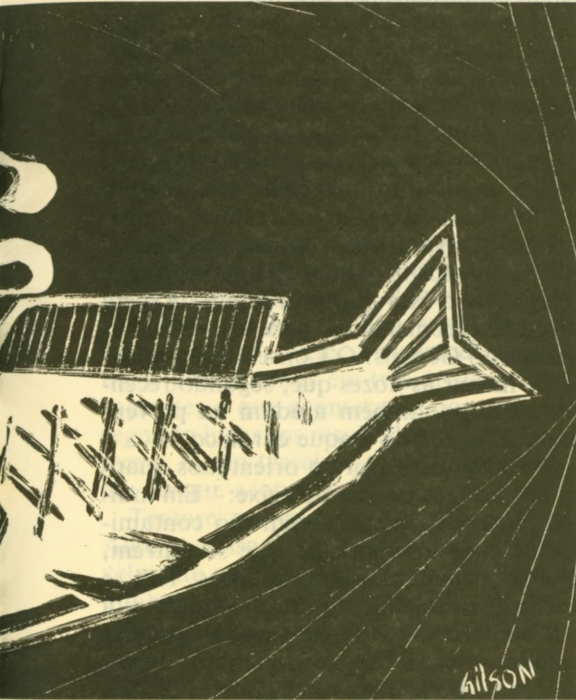
Nesse caso, alguém poderia argumentar, não seria melhor o peixe? Ora, também o peixe não é um alimento com baixo nível de colesterol. Contém entre 40 a 60 mg em cada 100 gramas. Consumidores de peixe possuem maiores níveis de colesterol no sangue do que ovo-lacto-vegetarianos e, portanto, correm alto risco de ataque cardíaco.

Pesquisas mostram que o peixe pode baixar o nível de gordura no sangue, mas, nesse processo, eleva o nível do mau colesterol (LDL). Então por que incentivar o seu uso como alimento?

O fator EPA

Na Holanda, pesquisadores descobriram que as pessoas que comem aproximadamente 30 g diárias de peixe, tinham 50% mais ataques cardíacos do que os que não comiam. Alguns supunham então que isso se dava em virtude da presença do gorduroso ácido EPA (*eicosapentaenoic acid*) responsável para proteger o sangue contra a coagulação. Depois, no entanto, estudos feitos no Canadá e na Noruega, revelaram que tanto os consumidores de peixe como os não consumidores, não diferem nos percentuais de ataques do coração. Mesmo o estudo original realizado na Holanda mostrou que o peixe contém pouco EPA.

Esse ácido reduz a capacidade de coagulação sanguínea que é o que finalmente causa o ataque cardíaco em muitos pacientes. Em virtude de que consomem muito EPA, os esquimós apresentam baixos



(um copo de leite desnatado contém 5 mg). Um ano depois, suas artérias apresentavam melhoras e começaram a se desobstruírem. O Dr. Ornish também submeteu seus pacientes a exercícios e técnicas de relaxamento. O que realmente fez a diferença foi a abstenção de colesterol.

Mas, afinal, o que tem tudo isso a ver com as carnes de galinha e de peixe? Para todos os efeitos práticos, carne de galinha contém tanto colesterol quanto carne de



Werner

vavelmente mais seguro obter o EPA de fontes vegetais, em lugar de carne de peixe.

Risco de câncer

Qual é o risco de câncer entre aqueles indivíduos que se alimentam de peixe? Em virtude da poluição ambiental, muitas espécies de peixes contraem câncer. As águas nas quais eles vivem chegam a ter 900 substâncias químicas.

Há um outro risco em se comer carne de peixe. Autoridades médicas advertem que diabéticos não podem consumir óleo de peixe em virtude de que ele inibe a produção de insulina. Alguns recentes estudos estão revelando que mesmo não diabéticos estão sendo acometidos por esse mal.

Mais e mais autoridades da Nutrição estão dizendo que mesmo o melhor dos alimentos deve ser usado parcimoniosamente. Por exemplo, a Organização Mundial de Saúde recomenda peixes e aves em pequenas porções, e o menos freqüentemente como prato principal. O Conselho de Medicina Responsável está recomendando quatro grupos básicos de alimento, compostos de frutas, grãos, vegetais e cereais. Isso está muito próximo da dieta original recomendada para os seres humanos no Gênesis. O Conselho esqueceu-se de incluir as nozes que, segundo recentes estudos, também ajudam na prevenção dos riscos de ataque cardíaco.

Os adventistas foram orientados quanto aos perigos do uso de peixe: “Em muitos lugares os peixes ficam tão contaminados com a sujeira de que se nutrem, que se tornam causa de doenças. Isto se verifica especialmente onde o peixe está em contato com os esgotos de grandes cidades. Peixes que se alimentam dessas matérias, podem passar a grandes distâncias, sendo apanhados em lugares em que as águas são puras e boas. De modo que, ao serem usados como alimento, ocasionam doenças e morte naqueles que nada suspeitam do perigo.” — *A Ciência do Bom Viver*, págs. 314 e 315.

De acordo com a luz que vem através do Espírito de Profecia, da Ciência, e da posição do Concílio de Nutrição da Associação Geral, a melhor dieta é a vegetariana — sem carnes vermelhas ou brancas.

índices de mortes causadas por ataque do coração. Entretanto, o percentual de mortes entre eles, causadas por paralisia em virtude de esgotamento, é de 34 a 40% mais que a média das pessoas.

A ação anticoaguladora do EPA é semelhante à da aspirina. Quando os médicos dão aspirina a alguém que sofreu um ataque cardíaco, isso reduz o risco de um segundo ataque, em cerca de 50% dos casos. No entanto, o risco de morte causada por uma paralisia, devido a hemorragia, cresce a 15%. Se uma pessoa que foi vítima de um ataque cardíaco toma aspirina, ou qualquer outro medicamento anticoagulatório, e então consome muito peixe, o risco de sofrer uma hemorragia cerebral aumenta.

As pessoas que consomem óleo de canola, linhaça ou soja, adquirem ácido alfa-linoleico o qual muitas vezes, no organismo, se transforma em EPA. Usualmente quando o corpo adquire o bastante daquilo que necessita, não produz mais. Por isso é pro-

Eu cometi adultério

ROGER BRYANT (pseudônimo)
A trágica história de um ex-ministro.

Meu nome é Roger. Trabalhei durante muito tempo em uma Associação antes de deixar o ministério. Não o deixei por não ser um pastor de sucesso, mas por uma razão antes inconcebível: troquei minha esposa por uma outra mulher. Cometi adultério.

Depois do impacto inicial, equivalente a um holocausto nuclear, aprendi algumas lições importantes. Agora, passado algum tempo, senti-me compelido a contar minha história. Imaginei que, talvez, isso possa servir como medida preventiva para que outros não venham fazer o que eu fiz.

Durante o tempo em que exerci o ministério pastoral, escrevi alguns artigos para a revista *Ministry*. É possível que este seja o último. Nele, procurarei agrupar meus pensamentos em três áreas: primeiramente, o que aconteceu e por que. Em segundo lugar, os resultados do que aconteceu. E, em terceiro, como a Igreja reagiu ao que aconteceu.

Tentarei ser o mais honesto possível. Alguma coisa do que tenho a dizer provavelmente não será agradável; mas falo da minha própria experiência, e de algo que vai na minha mente e no meu coração.

Por que isto aconteceu?

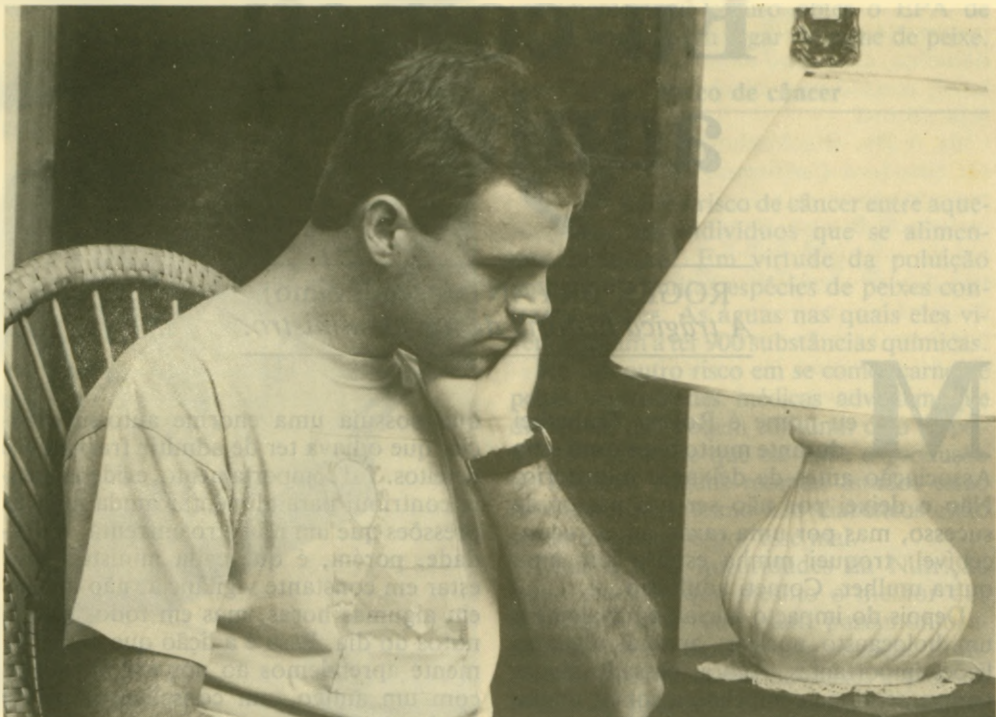
Ninguém, em sã consciência, desperta pela manhã e diz: "hoje é um belo dia para cometer adultério e destruir meu casamento". O assunto é infinitamente mais sutil do que isso, como veremos.

Casei-me bastante jovem, orgulhando-me de que poderia superar as estatísticas contrárias aos casamentos considerados precoces. Você vê, eu era o tipo de pessoa

que possuía uma enorme auto-suficiência, que odiava ter de admitir fraquezas e defeitos. Tal comportamento, evidentemente contribui para alimentar ainda mais as pressões que um ministro enfrenta. A verdade, porém, é que cada ministro deve estar em constante vigilância, não apenas em algumas horas, mas em todos os minutos do dia. Essa é a lição que repetidamente aprendemos ao nos encontrarmos com um amigo, um conselheiro, pais e cônjuge. As pessoas esperam muito de nós, e freqüentemente também esperamos isso de nós mesmos. Eu creio que isso gera um tipo de estresse que ajuda a causar dissensões nas famílias pastorais.

Fazendo uma retrospectiva, antes de haver cometido adultério, meu casamento apresentava algumas falhas em seu fundamento, as quais eu simplesmente escolhi ignorar. Minha esposa tinha uma personalidade bem diferente da minha. Com certa freqüência, experimentávamos períodos difíceis em nosso relacionamento. Certamente, melhores tentativas de comunicação através daquelas barreiras, nos teriam preservado contra a derrocada, se levadas a efeito no estágio inicial da situação. No entanto, quando alguém está convencido de que possui um relacionamento conjugal forte o suficiente para superar qualquer problema que apareça, é muito fácil ignorar as dificuldades iniciais. Pequenas irritações que insistem em vir à tona, talvez não sejam grande coisa — pensamos assim. Mas são elas que se desenvolvem no subconsciente e acabam tornando uma pessoa vulnerável à tentação. Esse, eu hoje estou seguro, foi um fator determinante em minha queda.

A segunda parte da equação foi uma amizade com uma pessoa do sexo oposto,



Leandro

que cresceu através de anos. Francamente, era a mais profunda amizade que eu conhecera. Não havia, pelo menos inicialmente, envolvimento romântico com aquela mulher. Ela era justamente uma pessoa à qual eu podia dizer alguma coisa — qualquer coisa —, e sentir-me completamente compreendido e aceito.

Isso é uma grande coisa. Todo mundo deve ter tido esse tipo de amizade, pelo menos uma vez na vida. Além de tudo, eu não sentia que esse relacionamento do tipo “alma gêmea” necessitava ocorrer estritamente entre casais. O problema para mim foi que depois de alguns anos, eu comecei a ter sentimentos de romantismo em relação àquela pessoa.

Como eu negaria que o problema chegara a tal ponto? Fácil. Simplesmente procurei convencer-me a mim mesmo de que não havia maneira pela qual minha amiga viesse a sentir o mesmo por mim. Assim, ignorando a possibilidade de que ela também passasse a me amar, eu continuei a amizade normalmente, como antes. Nesse ponto, de fato, eu comecei a sofrer intimamente em virtude de meus sentimentos direcionados para essa pessoa, mas ainda eu relutava em ver que havia um perigo real. Até que um dia eu descobri

que ela sentia exatamente o mesmo em relação a mim. Cheguei a um ponto zero. Por algum tempo minha vida aparentava equilíbrio.

Enquanto faço essa retrospectiva, duas lições são óbvias: em primeiro lugar, necessitamos admitir para nós mesmos que não existe “casamento perfeito”. Algumas pequenas coisas existem na personalidade dos cônjuges que os diferenciam, e necessitam ser trabalhadas. Vamos falar a respeito delas, dialogar, a fim de encontrarmos uma solução. Se não podemos encontrá-la sozinhos, é sábio buscar ajuda profissional especializada. Em meu caso, minha ex-esposa, minha amiga e seu marido, eventualmente necessitávamos conversar ou até buscar aconselhamento. Simplesmente não o fizemos.

A segunda lição tem a ver com amizade com o sexo oposto. Durante 99% do tempo eu imaginei que não haveria problema algum. Mas, dois sinalizadores foram colocados em meu caminho, e eu não os percebi. O primeiro foi o momento em que eu a encontrei e achei-a atraente. Isso não é bom nem mal. Muitas igrejas possuem membros do sexo feminino que são fisicamente atraentes. Mas, descobrindo quão bem estávamos relacionados um com

o outro, eu deveria ter-me cuidado. O outro sinalizador acendeu quando eu percebi que a estava vendo como alguém mais que uma amiga. Melhor que esconder-me atrás do pensamento que não haveria maneira pela qual ela pudesse ter sentimentos semelhantes aos meus, naquela altura, eu deveria ter assumido que isso era possível. Desse modo estaria livre dessa situação de divórcio e novo casamento.

Sempre que haja algum tipo de insatisfação no casamento, ela necessita ser enfrentada, jamais ignorada. E se os sentimentos em relação a alguma pessoa do sexo oposto vêm à tona, necessitamos admiti-los. Uma vez dado esse passo, é preciso agir no sentido de evitarmos que se aprofundem.

As conseqüências

Os resultados foram, numa palavra, inimagináveis. Bem, certamente eu dedicava grande porção dos meus pensamentos antecipando as implicações decorrentes do término do meu casamento. Sabia perfeitamente que seria pecado. Sabia que iria ter sentimento de culpa. Também sabia que as crianças seriam profundamente afetadas. Muitas pessoas ficariam chocadas. Teria de deixar o ministério. Todavia, a mera antecipação das conseqüências é muito insignificante em comparação com o enfrentamento da realidade.

Eu jamais conheci um sentimento de abominação própria tão profundo como o que se seguiu à desintegração de minha família. Nunca fui propenso à depressão, mas pensamentos suicidas tornaram-se quase uma ocorrência diária. Descobri, no entanto, que sem a intervenção divina eu provavelmente não teria sobrevivido através daqueles primeiros dias.

E as crianças? Elas ficaram realmente muito tristes. Devastadas, de fato, e não poderia ser diferente. Quando elas crescerem, evidentemente encontrarão problemas. Muitas crianças os encontram. Hoje, como qualquer pai, eu oro para que os problemas da sua adolescência e puberdade, e as tentações que terão de enfrentar, sejam menores.

Foram as pessoas que nos cercavam de certa forma atingidas? Sim, certamente. Noventa por cento das pessoas que eu imaginava dedicar-me amizade e consideração, deixaram de falar comigo. Lembro-me de

ter ido a uma igreja dois anos após a separação. Vi ali algumas pessoas as quais conhecia muito bem. Olhei-as nos olhos, e disse: "Olá!". Simplesmente reagiram como se eu não existisse. Sabe você o que é estender a mão para cumprimentar um oficial de igreja, e vê-la ficar parada no ar? Eu sei o que é isso. Atitudes assim somente reacendem o sentimento de culpa. Causam tristeza e até mesmo ira. Você sente desejo de agarrar a pessoa e gritar: "Hei, cara! Eu não me divorciei de você. Eu ainda o quero como meu amigo!" Encontro-me desdenhado por aqueles a quem um dia imaginei próximos de mim.

Por outro lado, prezo muitíssimo aqueles poucos, raros amigos que durante esse tempo têm-me dito: "nós não compreendemos o que aconteceu, mas o amamos independentemente de tudo o mais".

Tive de deixar o ministério com o coração partido. E ainda havia uma tentativa de, usando uma tangente, negarem-me o pagamento da indenização. Ora, eu estava desesperadamente necessitado de dinheiro para mim mesmo, a ex-esposa e as crianças. Agora era um desempregado. Acabei encontrando um trabalho braçal por algum tempo. Um duro, sujo e perigoso trabalho. Mas não era totalmente mau. Afinal, qualquer atividade física serve como uma boa terapia. Depois trabalhei para o membro de uma igreja que até tentou enganar-me em alguns dólares. Mas isso também não foi totalmente mau. Serviu para que eu abrisse os olhos para essas pessoas que, na igreja, aparecem bem engomadinhas durante o fim de semana, mas se transformam totalmente em outras criaturas no local de trabalho nos outros dias.

Qualquer dessas conseqüências do meu pecado era suficiente para gerar a maior crise na vida. Vivi-as todas juntas, e a carga de estresse era terrivelmente esmagadora. Mas descobri a preciosa realidade de que sem a misericordiosa mão de Deus eu não teria sobrevivido.

A reação da Igreja

Como a Igreja, enquanto instituição reagiu? De certa forma, fiquei envergonhado de tudo isso. Não exatamente por mim, mas por todos aqueles que têm caído no mesmo laço. Eu já espera-

va o desligamento do ministério. Evidentemente não ia deixar de existir. Mas pareceu que eu estava sendo tirado da face da Terra. Eu já havia participado de várias comissões, trabalhado junto a vários membros da Associação, durante anos. Em alguns casos, funcionei como peça instrumental eficiente na eleição deles. Jamais ouvi a seu respeito desde então. Justamente no tempo em que eu necessitava ser assistido ministerialmente — faço questão de deixar isso bem claro —, fui completamente ignorado, o que muito me magoou. Senti-me como um cavalo de raça com a perna quebrada, e cuja vida termina pela ação de um tiro.

Ninguém parecia ter mais tempo para ser gasto comigo. Nenhum contato. Ninguém tocava no assunto. Na realidade, ninguém se dava ao trabalho de pelo menos cumprimentar-me. Por acidente, acabei redescobrimo outra realidade. Quando exercia o pastorado, eu abominava a idéia de desligar alguém da igreja. Realmente, posso dizer com toda a sinceridade, que jamais permiti que qualquer pessoa excluída de uma igreja sob meus cuidados ficasse esquecida. Assim, ficar rejeitado, sem pelo menos um telefonema, foi muito doloroso.

Refletindo o, que aconteceu

Inicialmente, neste depoimento, eu analisei um bom número de coisas que sabidamente deveria fazer diferente. Agora, mencionarei poucas coisas que a Igreja necessita considerar para agir diferentemente do que faz.

Primeiro, há necessidade de um programa de resgate para dar assistência ao pastor que porventura enfrente problemas na família. Isso pode envolver a questão de incompatibilidade com o cônjuge, ou até problemas de drogas entre os filhos. Eu vou ao ponto de dizer que é um pecado quando uma igreja amputa um membro e não faz tentativas para ajudá-lo a se recuperar.

O ato de cortar um membro da igreja representa um trauma emocional que não ajuda a ninguém nem recupera qualquer coisa. Obviamente a igreja necessita responder de alguma maneira. Mas eu estou seguro de que “tiros nos nossos feridos”

não é o melhor caminho. Quando alguém comete um pecado, ele já sabe que pecou. Por conseguinte sabe que é pecador. Também sente a mágoa que o pecado lhe causa. Assim, a igreja que meramente pula sobre seus pés e grita: “Seu pecador, você necessita ser punido”, não está fazendo todo o trabalho. De fato, depois de ser “banido”, eu aprendi que existe um grande grupo de antigos membros que ama a Igreja e crê em suas doutrinas. Todavia, essas pessoas permanecem afastadas porque não podem sentir-se em casa numa igreja onde não são aceitas nem perdoadas.

Por favor, não pense nem por um minuto que eu estou dizendo que não devemos chamar o pecado pelo seu nome exato. Devemos, sim. Pecado é pecado. O que eu estou dizendo é que, em vez de esquivar-se, a Igreja necessita estar revestida de Cristo, enquanto diz: “Nem Eu tampouco te condeno. Vai e não peques mais.” Pelo meu próprio pecado eu andei no inferno e acabei colocando algumas pessoas bem próximas a ele. A descoberta do que eu fiz colocou-me mais baixo do que nunca dantes eu me havia sentido. Nesse ponto, eu senti que minha Igreja chutou-me depois de haver caído. Pela graça de Deus, eu espero que ninguém, em alguma igreja, tenha de sentir-se assim.

Meu apelo à Igreja e sua liderança é que se um ministro falha (ou algum membro), nós necessitamos estender a mão para essa pessoa. Mesmo depois de ser excluída do rol de membros, ou da folha de pagamentos. Necessitamos ser mais cuidadosos, mais amorosos, muito mais gentis. Necessitamos demonstrar-lhe o amor de Cristo.

Como estou agora

Hoje me sinto muito melhor. Deus cura feridas. O tempo cicatriza. Sei que carregarei essas cicatrizes emocionais pelo resto da minha vida. Mas o pior já passou. Encontrei um novo trabalho e faço uso das minhas antigas habilidades pastorais para ajudar a outros amigos. Voltei a freqüentar uma igreja onde fui bem aceito e me sinto amado. Graças a Deus por isso.

Oxalá todos nós venhamos a conhecer o dom de amar incondicionalmente o pecador.

Teologia bíblica da bebida

ROGER S. EVANS

Pastor da Igreja Adventista de Delaware, Westerville, Ohio.



AFC

Os Adventistas do Sétimo Dia não viam necessidade de desenvolver uma doutrina sobre o uso do vinho, até que verificou-se entre seus membros jovens um crescente uso de bebidas alcoólicas, especialmente o vinho. Para esses jovens, a posição tradicional de abstinência total está longe de ser uma proibição. Mas então o que diz a Bíblia?

Uma leitura superficial do texto bíblico pode sugerir que beber vinho moderadamente não é condenável. Contudo, essa não é a maneira aceitável de determinar as verdades ou padrões espirituais. Nós jovens necessitam de declarações bíblicas que influenciem suas vidas. Se somos o povo da Palavra, então necessita-

mos revelar o mandamento bíblico, não somente nas doutrinas, mas também no estilo de vida que levamos. Com isso em mente, precisamos verificar o uso do vinho na Bíblia e a atitude dos escritores bíblicos inspirados. Este artigo examinará apenas aqueles textos que abordam o aspecto moral envolvido no uso do vinho.

Vinho no Velho Testamento

O Velho Testamento usa primariamente duas palavras para vinho: *yayin* (mais de 140 vezes) e *tirosh* (38 vezes). Quando *tirosh* é usada, nenhum

A primeira menção bíblica ao vinho é encontrada após o dilúvio. Mas Jesus, em S. Mateus 24:37 e 38, menciona que os antediluvianos o conheciam: “Porquanto assim como nos dias anteriores ao dilúvio, comiam e bebiam...”

aspecto moral está envolvido. Na realidade, *tirosh* pode ser melhor compreendida como “vinho novo”. A versão *King James* traduziu-a dessa maneira 37 vezes.

Por essa razão, este estudo se limitará aos principais textos que usam *yayin*. Essa palavra está presente em todo o Velho Testamento. Os estudiosos aceitam que *yayin* é o suco de uva fermentado, citado nas Escrituras.¹ Embora sejam feitas tentativas para demonstrar que ela pode se referir tanto ao vinho fermentado quanto ao suco de uva fresco, isso não é prova definitiva de tal fato.²

Alguns apontam para Isaías 16:10, como prova do seu uso para designar o suco de uva não fermentado. O texto diz: “Já não se pisarão as uvas nos lagares”. O vinho obtido do esmagamento das uvas é fresco e não fermentado. Além disso, o texto em questão refere-se ao suco de uva não fermentado. Entretanto, tal interpretação apresenta alguns problemas.

Primeiro, a referência encontra-se em meio a uma profecia de linguagem totalmente simbólica, a respeito de Moabe. Forçar uma interpretação literal de *yayin*, é violar uma das regras da hermenêutica bíblica. Segundo, mesmo que o texto seja interpretado literalmente, não significa que a referência seja a uvas frescas. Ambos, o suco de uva fermentado e não fermentado, podem ser obtidos da uva espremida. Em terceiro lugar, porque a evidência aponta para *yayin* como suco de uva fermentado.

Que razão levaria os escritores bíblicos a usarem *yayin* para o suco de uva não fermentado, quando poderiam usar *asis* (suco de uva não fermentado) e *mishrah* (bebida feita de uvas maceradas)? Em Números 6:3 aparece uma lista de subprodutos da uva proibidos aos nazireus e as palavras ali usadas são: *yayin* e *mishrah*.

Se *yayin* indica suco de uva fermentado e não fermentado, essa é uma questão de nossos dias. Os escritores bíblicos aparentemente não tinham interesse em explicar o significado de termos como *yayin*. Quando o usavam, entendiam que seus leitores sabiam que eles estavam referindo-se ao suco de uva fermentado. Caso necessitassem indicar que o suco de uva usado em conexão com os serviços de culto, ou celebrações religiosas era o não fermentado, eles teriam feito apenas isso.

Pentateuco

A primeira menção bíblica ao vinho é encontrada após o dilúvio (Gên. 9:21 e 24). Entretanto, em Mateus 24:37 e 38 Jesus diz que os antediluvianos conheciam o vinho.³ “Assim como foi nos dias de Noé, também será a vinda do Filho do homem. Porquanto, assim como nos dias anteriores ao dilúvio, comiam e bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca.”

Embora não haja condições de mostrar que o “beber” de Mat. 24:38 esteja associado com vinho ou outra bebida intoxicantes parece curioso admitir que Deus condenou o simples ato de comer, beber, ou casar. Jesus ali refere-se à atitude do povo que a despeito da urgência do tempo e do iminente juízo de Deus, continua a viver descuidadamente.

Em Gênesis 9, encontramos que Noé, após embebedar-se, despiu-se e foi visto por seu filho Cão. Sem e Jafé providenciaram cobrir a nudez de seu pai, tomando o cuidado de não observá-la. Esse incidente mudou o curso da vida de Cão. Além disso mostra que para Noé, Sem e Jafé, era considerado um pecado o fato de um filho contemplar a nudez de seus pais.

As leis sobre os pecados sexuais em Levíticos “Não descobrirás a nudez de teu pai e de tua mãe” (Lev. 18:7), são um reflexo

posterior dessa compreensão, desde os dias de Noé. A ira divina atingiu os cananitas por participarem desses pecados. “Com nenhuma destas coisas vos contamineis, porque com todas estas coisas se contaminaram as nações que Eu lanço fora de diante de vós. E a Terra se contaminou. E Eu visitei nela a sua iniquidade, e ela vomitou os seus moradores” (Lev. 18:24 e 25).

O relato não diz que Noé acordou de seu sono, mas sim “do seu vinho”. A linguagem é significativa: intencional ou não, o pecado de Cão não haveria acontecido se Noé não tivesse bebido. O abuso do vinho fez a diferença nessa história. Uma longa história, porém, começou ali. Os descendentes de Cão, os cananeus, foram condenados (Lev. 18:25 e 28) por causa de sua própria imoralidade e da imoralidade de seus antepassados. Assim, os israelitas possuíam uma base histórica para a expulsão dos cananeus. “Com todas essas coisas se contaminaram as nações que Eu lanço fora de diante de vós” (Lev. 18:24). Os Israelitas sabiam que as ações de Noé e Cão mudaram o curso de sua história.

Os fatos narrados em Gênesis 19 também contribuíram para mudar a história de Israel. Após a destruição de Sodoma e Gomorra, Ló e suas filhas estavam abrigados em uma caverna. Ali, suas filhas chegaram à conclusão de que só havia um meio de perpetuar a linhagem de seu pai: a relação incestuosa. Elas sabiam que Ló jamais consentiria com tal coisa, e a saída foi dar-lhe bebida. Porque Ló consentiu em beber, ao ponto de embriagar-se por duas noites consecutivas, não sabemos, mas temos aqui um intencional uso do vinho, para maus propósitos. Vinho (ou bebida forte), foi um ingrediente necessário para a consecução do mal.

Ambas as filhas deram à luz, filhos que tornaram-se os progenitores dos Moabitas e Amonitas, terríveis inimigos de Israel. Tristezas, decepções e mágoas foram o resultado das ações das filhas de Ló. O texto não menciona qualquer condenação contra os personagens dessa história. Contudo, as moças sabiam que o incesto era considerado um pecado, inclusive por Ló. Uma posterior referência a isso é encontrada nas leis dadas a Israel (Lev. 18). As filhas de Ló sabiam que a bebida diminui a capacidade da pessoa de evitar fazer aquilo que normalmente não

faria, e que em dose excessiva a bebida anula a percepção dos acontecimentos presentes. Embora não tratem primariamente do vinho, implicitamente, as duas histórias condenam a bebida forte, por seus resultados maléficos.

Esta condenação é clara em Deuteronômio 21:18 a 21, onde fala da punição dos filhos obstinados e rebeldes. Um filho nessa situação deveria ser levado aos anciãos da cidade por seus pais, que deveriam dizer: “este nosso filho é rebelde e contumaz, não dá ouvidos à nossa voz: é dissoluto e bebedor. Então todos os homens da sua cidade o apedrejarão, até que morra” (Deut. 21:20 e 21). Ao passo que obstinação e rebeldia descreve atitudes, dissolução (glotonaria) e bebedice referem-se a um tipo de comportamento que é fruto dessas atitudes. Ambos, a atitude e o comportamento são considerados como graves pecados.

Para os escritores do Pentateuco, a bebida deve ser evitada não somente pelas consequências que pode trazer, mas também, porque é pecado.

Seção histórica

A esterilidade de Ana levou-a ao templo para orar. “Ana só no coração falava. Seus lábios se moviam, porém, não se lhe ouvia nenhuma palavra. Por isso Eli a teve por embriagada. E lhe disse: Até quando estarás tu embriagada? Aparta de ti esse vinho” (I Sam. 1:13 e 14). Eli ficou aborrecido por achar que Ana estava embriagada, e repreendeu-a. Esse fato torna claro que embriagar-se em Israel era uma ofensa, e algo que o sacerdote considerava um pecado. Ana, por sua vez, também entendia assim e replicou: “Não tenhas, pois, a tua serva por filha de Belial” (imprudente, sem valor, desobediente). Nas Escrituras, “Belial” está associado com idolatria (Deut. 13:13), homossexualismo (Juízes 19:22, 10:13 e Gên. 19:5), sacrilégio (I Sam. 2:12 a 17), embriaguez (I Sam. 25:17 e 36) e com a morte eterna (II Sam. 23:6). Ao protestar, dizendo que não era “filha de Belial”, Ana afirmava que os pecados associados com o culto a Belial, entre os quais estava a embriaguez, não diziam respeito a ela. Ela compreendia que Deus aborrecia a embriaguez.

O segundo livro de Samuel, capítulo 11 contém outra mensagem sobre a embriaguez. Numa tentativa desesperada para ocultar seu pecado, Davi chamou Urias da frente de batalha, planejando para que ele fosse para casa ficar com sua esposa. Urias não foi. Frustrado, Davi o embebedou, esperando que Urias desejasse a esposa pela quebra de seus princípios. Isso também não funcionou. Davi então providenciou para que Urias fosse morto em batalha.

A história não se refere aos malefícios do vinho, mas de quão longe o pecado e o engano podem levar uma pessoa. Entretanto, existe uma mensagem quanto à embriaguez semelhante à que encontramos no caso das filhas de Ló. É mais difícil resistir ao comportamento pecaminoso, no estado de embriaguez, do que no de sobriedade. Tentar vencer a tentação enquanto se está embriagado é um grande problema.

A história de Absalão ao planejar matar seu irmão Amnon (II Sam. 13), culpado de incesto com Tamar, também tem que ver com vinho. Entre os convidados de Absalão para uma festa, estava também Amnon. Absalão ordenou a seus servos para que matassem Amnon quando sua mente estivesse anuviada pelo vinho. E assim aconteceu. Não está claro no texto se Amnon foi pego de surpresa, ou se ele estava tão embriagado que não teve condições de defender-se. Qualquer que seja o caso, porém, o vinho foi elemento necessário para a prática do mal, como o foi também nos casos de Ló e Davi.

Se a hermenêutica mostra que as histórias bíblicas e as profecias possuem uma aplicação local e imediata, ao ler ou ouvir aquelas histórias, os israelitas não podiam fugir à mensagem de que a embriaguez é um comportamento condenado por Deus.

Há quatro referências, que podem ser consideradas em Provérbios:

1. *Provérbios 20:1*. “O vinho é escarnecedor, e a bebida forte lvoçadora. Todo aquele que por eles é vencido, não é sábio.” O texto não diz que o vinho nos torna escarnecedores. Mas sabemos que quando uma pessoa é escarnecedora, ele ou ela passa a ser desprezados pelos demais. Não é valorizada, nem respeitada. É lamentável observar os olhos de um escarnecedor. Ele trata os demais impunemente como se não fossem humanos. O vinho desfigura a imagem de Deus no

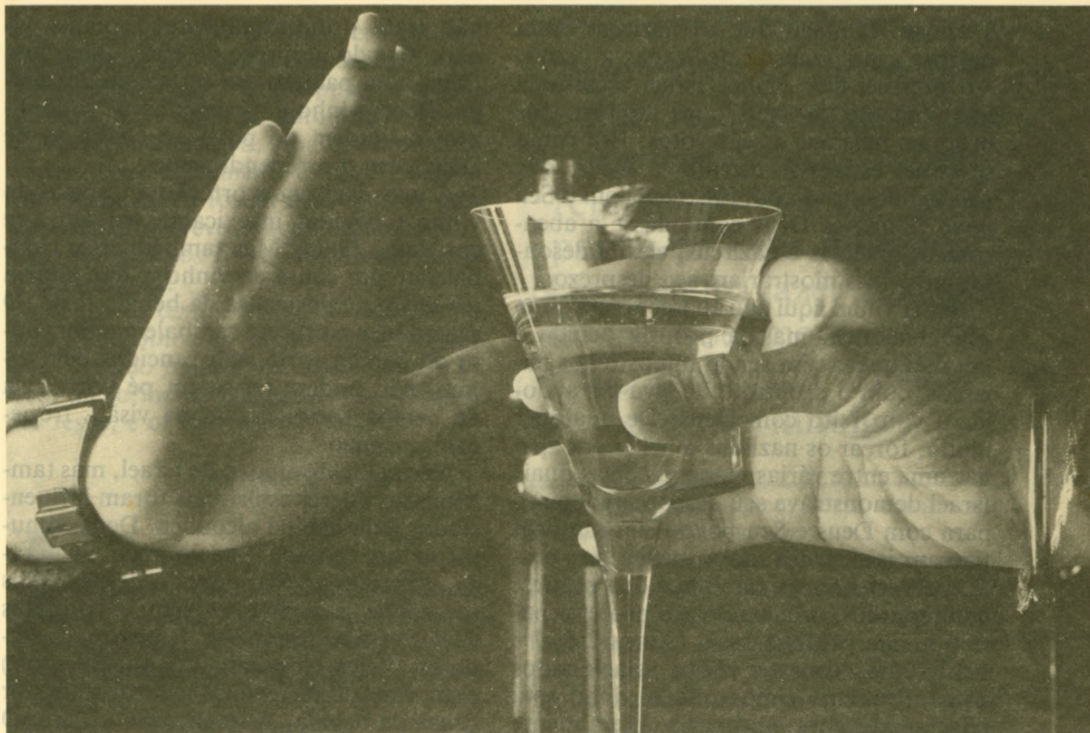
homem e destrói o caráter do homem. Além disso, o vinho dá origem a disputas acirradas e disposição violenta. O texto sugere condenação da embriaguez, apesar de não ficar claro se ele faz referência ao simples beber vinho, ou ao uso abusivo.

2. *Provérbios 21:17*. “Quem ama os prazeres empobrece, quem ama o vinho e o azeite jamais enriquecerá”. Esse texto é um claro exemplo do paralelismo hebraico, no qual a segunda linha repete o pensamento da primeira. A idéia expressa diz respeito ao estilo de vida que dá primazia aos prazeres de uma vida suntuosa. Quando o amor aos prazeres interfere nas responsabilidades da vida o resultado é a pobreza. Vinho e azeite simbolizam as coisas que recebem suprema avaliação, e, conseqüentemente, são colocadas acima das demais. O mesmo pensamento é expresso mais claramente em provérbios 23:21: “O beerrão e o comilão caem em pobreza”.

3. *Provérbios 23:29 a 34*. Refere-se tanto ao que estimula a embriaguez, quanto ao alcoólatra. Aflição, tristeza, lutas, queixas, doenças e olhos vermelhos são o seu lucro. Vêm coisas estranhas, falam obscenidades e geralmente agem como imbecis porque “se demoram em beber vinho” e “andam buscando bebida misturada”. Esse comportamento traz vitupério ao nome de Deus; portanto, não é apropriado para um cristão. A passagem condena a embriaguez, e o verso 31 mostra quão repugnante é: “Não olhes para o vinho quando se mostra vermelho”.

4. *Provérbios 31:4 e 5*. Aí são admoestados os reis e príncipes para não tomarem vinho ou outra bebida intoxicante, pois precisam de mente clara e são juízo para liderar o povo de Deus. O texto chama a atenção para o fato de que a bebida diminui a capacidade de agir de acordo com a lei. A “lei” aqui é *chaaq*, que significa “decreto”. Embora a idéia de decreto não esteja clara, o contexto sugere a proteção do pobre, pela lei em Israel. Os reis e príncipes (dispenseiros da justiça) dados ao vinho, “pervertem o direito dos aflitos”. A palavra hebraica traduzida por “aflito” é *ben oni*. A cognata *ana* significa pobre, desamparado, necessitado. O texto, pois, traz uma advertência: A bebida alcoólica prejudica a percepção da justiça, em juízo que envolve o pobre.

Os primeiros textos de Provérbios apresentam advertências que condenam o vinho,



William

e não exatamente o ébrio. Temos assim uma evidente progressão na atitude de Israel, no que diz respeito ao uso do vinho. Essa progressão aparece também na seção profética do Velho Testamento. O que causou essa progressão? Teriam os israelitas chegado à conclusão de que era extremamente difícil, senão impossível, controlar o uso do vinho, e, por essa razão, seria melhor evitar seu uso totalmente? Ou será que o próprio Deus, ao perceber a situação, inspirou o autor de Provérbios para escrever tais orientações?

Os profetas

Faremos uma incursão nos livros proféticos em ordem cronológica. Iniciaremos por Amós, um livro de juízo. O capítulo primeiro fala do julgamento de Damasco, Gaza, Tiro, Edom e Amom. O segundo capítulo inicia com o julgamento de Moabe, e então se dedica ao julgamento de Israel. Cada seção descreve os juízos e os pecados específicos que os causaram.

Antes de emitir os juízos sobre Israel, Deus relembra Sua bondade para com Seu

povo. “Eu destruí diante deles o amorreu... Também vos fiz subir do Egito e quarenta anos vos conduzi no deserto, para que possuísseis a terra do amorreu. Dentre vossos filhos suscitei profetas, e dentre vossos jovens, nazireus... Mas vós aos nazireus destes a beber vinho e aos profetas ordenastes, dizendo: Não profetizeis.”

Deus guiou e protegeu Israel no passado. Agora, Ele mesmo condena os israelitas por suas ações (dar vinho aos nazireus) e palavras (pedir aos profetas que não profetizassem), com as quais eles frustraram Suas tentativas de conduzi-los. Deus instituiu o nazireado. A razão não é especificada, mas dois anteriores, e um subsequente nazireu — Samuel, Sansão e João Batista — foram chamados por Deus para liderar Seu povo nalgum momento de sua história. Todo nazireu era “santo ao Senhor” todos os dias de sua separação, sob solene voto de dedicação integral (Ver Núm. 6). Uma das características do voto, era a abstenção completa dos produtos resultantes da videira, inclusive o vinho. Não é dito o por que da proibição, mas é suficiente dizer que Deus tinha um propósito; e que ambos, Deus e o nazireu consideravam o voto como sagrado. Os israelitas dos dias de Amós sabiam disso,

e sabiam também que os nazireus eram pessoas especialmente dedicadas a Jeová. Ao oferecer-lhes vinho, Israel escarnecia não somente de Deus, mas também dos próprios nazireus e seus votos. Era como se Israel estivesse dizendo a Deus, que não se importava com Ele, nem com o Seu povo, e que se Deus continuasse a abençoar os profetas e nazireus, eles O desonrariam e lhes mostrariam seu desprezo.

Beber vinho aqui não aparece como uma ação maléfica, mas, a própria bebida é um mal que estava sendo imposto aos nazireus, com o propósito de levá-los a violar o voto feito com Deus. De qualquer modo, forçar os nazireus a beber era apenas uma entre várias maneiras pelas quais Israel demonstrava seu descontentamento para com Deus e Seu povo. Eles também fizeram isso, trocando a justiça por prata, pervertendo os caminhos dos pobres, adulterando e ordenando aos profetas para que não profetizassem (Amós 2:6, 7 e 12). Temos causa e efeito relacionados aqui? Primeiro vimos que o vinho está relacionado com glotonaria, literalmente (Deut. 22) e figurativamente (Isa. 22). Com perversão sexual (Gên. 9 e 19; Isa. 28) e menosprezo à Palavra de Deus e seus convites para o arrependimento. A bebida conduz a esses pecados, ou é sintoma de um problema de atitude mais profundo? (Ver Habacuque 2)

Vamos agora aos dias de Isaías. A falta de sensibilidade de Israel para com a Obra de Deus, em grande parte foi acompanhada pelo obscurecimento causado pelo vinho. O resultado foi o desastre: “Portanto o Meu povo será levado cativo, por falta de entendimento... Então o povo se abate e o homem se avilta” (Isa. 5:13 e 15).

Segundo Isaías, capítulo 22, a situação tornou-se cada vez pior. Vemos um povo que não retornou para Deus, nem ouviu Seu chamado para o arrependimento. “O Senhor dos exércitos vos convida naquele dia para chorar, para prantear, rapar a cabeça e cingir o cilício. Porém, é só gozo e alegria o que se vê. Matam-se bois, degolam-se ovelhas, come-se carne, bebe-se vinho, e se diz: comamos e bebamos, que amanhã morreremos” (Isa. 22:12 e 13).

Todos os meios usados por Deus para livrar Israel do exército de Senaqueribe, esgotaram-se sem que o povo sequer reconhecesse sua real situação. Inclinaram-se, entretanto, a comer e a beber. O texto

não trata primordialmente de beber vinho, mas do desprezo de Israel para com Deus, Sua palavra e a seriedade do tempo. Beber vinho e o comer carne simbolizam o desdém do povo ao chamado de Deus para o arrependimento.

A mais incisiva exortação a respeito do vinho e bebidas intoxicantes encontra-se em Isaías 28:7: “Mas também estes cambaleiam por causa do vinho, e não podem ter-se em pé por causa da bebida forte. O sacerdote e o profeta cambaleiam por causa da bebida forte, são vencidos pelo vinho, não podem ter-se em pé por causa da bebida forte. Erram na visão, tropeçam no juízo”.

Não somente o povo de Israel, mas também seus líderes espirituais foram influenciados pela bebida alcoólica. Deus comunicou Sua verdade, Sua vontade, Sua graça, e perdão ao Seu povo, a despeito dos sacerdotes e profetas. Nem os profetas (“eles erram nas visões”), nem os sacerdotes (“eles tropeçam no julgamento”) eram capazes de realizar seu trabalho, por causa da bebida. A implicação é clara: O vinho e bebida forte obscurecem a mente, ao ponto de impossibilitar o ouvir a voz de Deus. (Ver Lev. 10:9 e 10).

Isaías 28 é uma aguilhoada contra aqueles que abusam do vinho. Mas não é tudo: O vinho ali é mencionado em conexão com “bebida intoxicante” (*shekar* = cerveja) e a bebida forte é condenada, não importa a quantidade. William Shea diz que *yayin* pode não ser condenado totalmente no Velho Testamento, mas *shekar*, sim.⁴ Uma das razões porque *shekar* como cerveja é totalmente condenada, e *yayin* não, está no fato de um ser o produto direto de uma mistura alcoólica intencional, enquanto que o outro não. Feita a partir do grão, *shekar* só pode ser fabricada a partir de uma decisão para fazer a cerveja. Mas o suco da uva naturalmente fermenta, independente da vontade humana.

Vinho no Novo Testamento

A palavra grega para vinho é *oinos*. Se significa suco de uva fermentado ou não, essa é uma questão de nossos dias. Dicionários e comentários sobre o Novo Testamento admitem que *oi-*

nos significa suco de uva fermentado.⁵ Na maioria dos casos, o contexto exige essa interpretação. Outra palavra grega é *gleukos*, que significa vinho novo, vinho doce, ou suco de uva. Aparece uma única vez no Novo Testamento (Atos 2:13) quando os apóstolos foram acusados de estar embriagados. Devemos concordar com Lucas, que *gleukos* foi a bebida que causou a embriaguez.

Todos os textos do Novo Testamento, que usam *oinos* ou falam da embriaguez com sentido pejorativo, exceto um, o fazem na forma de ensinamentos. Três são de Jesus, e os demais, de Paulo.

Evangelhos

Em Mateus 24, Jesus fala da necessidade de preparo para a Sua Segunda Vinda (Ver Mat. 24:44). O “servo fiel e prudente” será achado de prontidão, pelo seu senhor. Este servo é chamado de “Bem-aventurado”. O “servo mau” é relapso para com as coisas de seu senhor e “passou a espancar os seus companheiros, e a comer e beber com ébrios”. Aquele servo será excluído, e sua parte será com os hipócritas.

O assunto dos tipos de pessoas que serão encontradas quando o Senhor retornar, é repetido cinco vezes no contexto imediato de Mat. 24. (24:40 e 41; 45-51; 25:1-13; 14-30; 32-46). Um grupo estará pronto quando o Senhor retornar. Outro grupo não.

O servo despreparado é violento para com os seus, e companheiro de ébrios. Violência, glotonaria e embriaguez não são a causa, mas um sinal de seu despreparo. Embora condene o comportamento irresponsável do mau servo, Jesus mostra que seu grande pecado é a hipocrisia (Mat. 24:51). Semelhante ensino é encontrado na parábola das dez virgens (Mat. 25:1-13), dos talentos (Mat. 25:14-30), e das “ovelhas e bodes” (Mat. 25:31-46). Conseqüentemente, os ébrios mencionados em Mat. 24:49-51, descrevem um povo que professa ser parte do povo de Deus, mas vive de modo contrário à Sua vontade.

O que é interessante é que Jesus tenha escolhido os ébrios para ilustrar Sua mensagem — como também o fizeram os profetas do Velho Testamento. É claro, por-

Não existem evidências de que Jesus tomasse suco de uva fermentado. A única referência feita por Ele, partiu de Seus inimigos. Não é seguro fazer a exegese de um documento tendo como base uma acusação feita por inimigos.

tanto, que nesse texto, Jesus claramente condenou a embriaguez.

O próximo texto é talvez o mais difícil dentre os encontrados nos Evangelhos sobre essa questão. Ao fazer a defesa de João Batista, Jesus disse: “...veio João Batista sem comer pão nem bebendo vinho, e dizem: tem demônio. Veio o Filho do Homem, comendo e bebendo, e dizem: Eis aí um glutão e bebedor de vinho, amigo de publicanos e pecadores” (Lucas 7:33-35).

Não existem evidências de que Jesus tomasse suco de uva fermentado. A única referência feita por Ele, partiu de Seus inimigos. Fazer a exegese de um documento antigo tendo como base uma acusação feita pelos inimigos de alguém, é no mínimo ingênuo.

Outro aspecto a ser levado em consideração, é que a declaração de Jesus deve ser entendida em seu contexto. Jesus argumentou que João não buscou para o seu ministério a aprovação dos líderes religiosos de Jerusalém, os quais, conseqüentemente, desprezaram a ele e sua mensagem. A pregação de João no deserto, a sua dura mensagem (Mat. 3:7-12), seus hábitos alimentares e sua maneira de vestir fizeram com que concluíssem que João estava possesso. Jesus sempre declarou uma certa afinidade com João (Mat. 21:23-27), e isso contribuiu para que se tornasse também, uma pessoa suspeita para esses mesmos líderes. Ele também recusou para o Seu ministério a aprovação deles. Associou-Se com pescadores, prostitutas, coletores de impostos e outros pecadores. Aqui temos culpa por associação: Jesus, “um amigo de coletores de impostos e



William

pecadores” (Lucas 7:34), deve compartilhar de seus estilos de vida, glotonaria e bebedeiras.

A resposta de Jesus não deve ser usada como desculpa para o uso de bebida alcoólica.

Os escritos de Paulo

O apóstolo Paulo menciona vinho e/ou ébrios, dez vezes em suas epístolas. Sete passagens condenam a bebida não somente por ser intoxicante (Rom. 13:13; Gál. 5:21; Efés. 5:18), mas também em função do seu impacto negativo sobre o relacionamento com Deus (Rom. 14:21; I Cor. 5:11; 6:10; 11:21). As outras três passagens necessitam ser estudadas mais acuradamente.

Paulo aconselhou a Timóteo, para que os diáconos não fossem dados a muito vinho (I Tim. 3:8). Escreveu a Tito aconselhando as mulheres idosas para que não fossem “escravizadas” a muito vinho (Tito 2:3). Por si mesmos, esses textos sugerem que beber vinho é aceitável, dentro de certos limites. Quando comparados com o conselho de Paulo a Timóteo para que usasse um pouco de vinho para suas fre-

qüentes enfermidades (I Tim. 5:23), fica a impressão de que beber vinho é aceitável, desde que não se torne um vício. É preciso lembrar que nas sete outras passagens onde Paulo fala acerca de *oinos*, a embriaguez é condenada, e não o beber vinho em si. A consistência indica que não podemos fazer com que *oinos* seja fermentado em uma passagem e não fermentado em outra, em função de noções preconcebidas. *Oinos é oinos*.

Como, então, entender os conselhos de Paulo a Timóteo e Tito? Outras passagens ajudarão. Em I Coríntios 6:19 e 20, Paulo diz: “Acaso não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo” (Ver I Cor. 3:16 e 17). Existe alguma coisa no beber vinho, que glorifique a Deus? A força desse texto está no fato de colocar responsabilidades sobre os tomadores de vinho.

Consideremos a metáfora do templo. Não se admitia num templo nada que fosse comum ou sujo. Apenas o que era limpo e santificado podia ser usado pelo sacerdote na oferta de sacrifícios. Se aplicarmos esse raciocínio aos textos de Coríntios, a conclusão é única: Deus espera que tenhamos cuidado com o nosso corpo. A bebida pode danificá-lo.

Tomar vinho moderadamente pode prejudicar nosso corpo? Existem numerosos dados científicos que confirmam isso. A mais importante consideração para os cristãos, é que o uso de bebidas alcoólicas, ainda que moderadamente, prejudica nossa capacidade de pensar claramente. Já que é através da mente que podemos saber a vontade de Deus para nossa vida, cabe-nos então evitar o uso de qualquer coisa que possa impedir essa linha de comunicação.

Essa conclusão, contudo, entra aparentemente em conflito com Paulo, pois ele aconselha Timóteo a tomar pouco vinho. Paulo aprova assim a destruição do templo de Deus? Como resolver este dilema?

Para obter a resposta, devemos voltar ao tempo de Paulo. No primeiro século, quando então a medicina científica não existia, os idosos admitiam que o vinho possuía poderes curativos, que até mesmo os remédios não possuíam. Tal uso do vinho era aceitável para Paulo. Alguns dirão que esta conclusão é simplista. Outros dirão que ela

carece de evidências. Contudo, como um estudante da Bíblia, e alguém que crê que ela não se contradiz, ela é a única solução satisfatória.

Conclusão

Além das considerações bíblicas, podemos concluir:

1. Beber vinho não é um assunto debatido amplamente na Bíblia. Embora apareça no Velho Testamento, poucas passagens dizem alguma coisa sobre seu uso. Na maioria das vezes o vinho aparece como parte do cenário do Velho Testamento, sempre mencionado com azeite e pão. O vinho é quase sempre usado num sentido simbólico.

2. Um dos temas mais importantes das Escrituras tem que ver com as repetidas tentativas de Deus para resgatar Seu povo do pecado, da rebelião e livrá-lo da morte. É à luz dos episódios ali apresentados que o vinho aparece, e raramente a embriaguez, não somente como inútil, mas também como um impecilho aos esforços de Deus. Os que afirmam que a Bíblia não condena o uso do vinho, apegam-se em vão a algum ensinamento, história ou texto que exaltam as virtudes do vinho. Admitimos que existem passagens que falam literalmente e simbolicamente do povo de Deus, usando vinho ao comemorar as vitórias contra seus inimigos (Ecl. 9:7; Isa. 55:1; Joel 2:19 e 24; Amós 9:14; Zac. 9:17 e 10:7) e em festas religiosas (Gên. 14:18; Deut. 12:17, 14:23 e 26; I Crôn. 12:40; Prov. 3:10; Isa. 55:1 e 65:8; Jer. 31:12).

Pode ser que em tais celebrações o uso do vinho tivesse algum significado cultural (e religioso?) simbólico, entre os israelitas, que nós desconhecemos. Mas usar tais textos como prova de que a Bíblia não condena o uso do vinho é arbitrário. Precisamos apenas rever nas Escrituras o registro de tristezas e desgraças que se abateram sobre indivíduos e famílias, e que foram estimuladas pelo uso do vinho. Além disso, a Bíblia menciona o vinho, tanto simbólica como literalmente, mais no contexto do juízo, do que no contexto de festas. Discutir em termos de números e quantidades é simplismo. Entretanto, aqueles que se referem aos textos que relacionam o vinho com festividades, podem também tomar conhecimento

daqueles que colocam o vinho no contexto do juízo.

3. Este artigo não é uma arma para ser usada contra qualquer pessoa na igreja, que esteja lutando com o uso de bebidas alcoólicas. Esta não é a minha intenção. Talvez alguns estranhem o fato desta matéria condenar o uso de bebidas alcoólicas. Eu não posso fazer o texto dizer o que eu quero.

Entretanto, eu espero que este artigo diga não somente o que eu penso, mas também o que Deus pensa. Se cremos que Deus é o criador de todas as coisas, inclusive de nosso corpo, cremos também que Ele sabe o que é melhor para nosso corpo e nossa mente. Deus já sabia disso. Vivemos numa época em que necessitamos pensar claramente, especialmente no que diz respeito à nossa vida espiritual. Porque fariamos aquilo que impediria tal coisa?

Finalmente, façamos uma aplicação mais prática. Nossa missão na Terra deve ser orar e glorificar a Deus, e permitir que Ele nos torne ministros da reconciliação. O ministério terá exercido uma influência, tanto sobre os que entrarão no Reino de Deus como sobre os que ficarão do lado de fora. O melhor caminho para um ministro é o da abstenção de bebidas alcoólicas e outras drogas, dando atenção ao conselho do apóstolo Pedro: "Por isso, cingindo o vosso entendimento, sede sóbrios e esperai inteiramente na graça que vos está sendo trazida na revelação de Jesus Cristo. Como filhos da obediência, não vos amoldeis às paixões que tínheis anteriormente na vossa ignorância. Pelo contrário, segundo é santo Aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós, em todo vosso procedimento" (I Pedro 1:13-15).

1. William A. Holiday, *A Concise Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*, pág. 134; Don F. Neufeld, *SDABC*, volume 8; Siegfried H. Horn, *SDAD*, pág. 1149; William Wilson, *Old Testament Word Studies*, pág. 483.

2. Samuele Bacchiocchi, *Wine in the Bible*, págs. 66-69.

3. Heinrich Seeseman, *Theological Dictionary of the New Testament*, vol. 5, págs.H 162-166.

4. William Shea, *Alcool e a Bíblia*. Pesquisa não publicada.

5. Horn, pág. 1149; Seeseman, págs. 66-69; Joseph Henry Thayer, *Greek-English Lexicon of the New Testament*, pág. 442.

Mais que um retoque artístico

WOODROW WHIDDEN

Professor associado de Religião, na Andrews University, Berrien Springs, Michigan, EUA.

O quadro intitulado *Caminho da Vida* foi mostrado pela primeira vez a Tiago White, pelo Dr. M. G. Kellogg, no início de 1870.¹ O autor original é desconhecido, mas Tiago White atestou que aquele trabalho deveria ser como “uma vívida representação do plano da salvação” ao lhe fazer referência, em 1874, mencionando-o na *Review and Herald* como um “quadro alegórico, mostrando o caminho da vida e salvação através de Jesus Cristo, desde o Paraíso perdido ao Paraíso restaurado”.² Dois anos mais tarde, em outubro de 1876, mil cópias de uma nova e melhorada edição, com uma brochura explanatória, foi publicada.³

O que é mais surpreendente em relação à estampa de 1876, é a centralização dos Dez Mandamentos pendendo do tronco da “Árvore da Vida”. Embora a cruz esteja evidente, não o é tanto quanto a Lei. Passados quatro anos, Tiago White começou a planejar um novo quadro com uma mudança de ênfase. A esse respeito ele escreveu à Ellen White, em 1880:

“Eu tenho um esboço... de uma nova gravura ‘Eis o Cordeiro de Deus’. Esse quadro difere do *Caminho da Vida* nos seguintes aspectos: a árvore da lei é removida. Cristo sobre a cruz está mais destacado e colocado no centro. O restante permanece como sempre foi, exceto a cena do batismo e a cidade que foi aperfeiçoada.”⁴

Durante o restante de 1880 e início de 1881, o Pastor White trabalhou nessa nova e aperfeiçoada edição, tendo em vista expandir o projeto a fim de levar a impressão desse quadro a outros países, incluindo a publicação de um livro que o acompanharia, ampliando a explicação da própria gravura. Sua idéia era intitulá-la

“Cristo o Caminho da Vida. Do Paraíso Perdido ao Paraíso Restaurado.”

Entretanto, Tiago White veio a falecer em 6 de agosto de 1881, sem completar o plano. Ellen White, com a ajuda dos seus filhos, acabou cumprindo o desejo do seu esposo em 1883, quando copiou um novo quadro numa placa de aço, colocando Cristo crucificado como o centro dominante do plano da salvação.

Por que a mudança?

O que levou Tiago White a mudar de idéia em relação ao destaque dado inicialmente à Lei, nesse exemplo de arte adventista?

Embora não haja uma ligação direta entre sua exposição teológica o *Caminho da Vida*, em qualquer de suas cartas, houve significativo desenvolvimento no pensamento do casal White no período de 1876 a 1883, responsável por uma profunda conexão entre as duas coisas.

Antes de 1883, Ellen White tinha muito pouco a dizer, no sentido de ênfase teológica, a respeito da justificação pela Fé. Embora sua concepção sobre justificação era a de que tal experiência seja “absolvição” e “perdão”, e isso estava sempre bem claro, não foi até 1880 que começou a surgir uma mais aguçada focalização, digamos assim, uma compreensão mais “luterana” de justificação “somente pela fé”.

De fato, a primeira mostra dessa ligação entre Lutero e a justificação, apareceu em *Signs of the Times* de 31 de maio de 1883, provavelmente em virtude de suas pesquisas para o quarto volume de *The Spirit of Prophecy* (1884) que se tornou o precursor do clássico *The Great Contro-*



versy (O Conflito dos Séculos), em 1888. Esse trabalho dividiu espaço considerável com Lutero e a Reforma, em sua histórica e providencial interpretação dos assuntos sobre “O Grande Conflito entre Cristo e Satanás”.

Em adição ao seu trabalho sobre a Reforma, três outras tendências cruciais na experiência e no ministério do casal White, durante esse período, devem ser notadas:

1. Durante aqueles anos, Ellen White tinha experimentado algumas agudas confrontações com os defensores da idéia “crer, somente crer”, os quais acusavam os adventistas do sétimo dia de ensinarem salvação pela observância da Lei. Provavelmente a mais notável dessas experiências ocorreu durante uma viagem para o Oregon, no verão de 1878, na qual ela foi desafiada por um tal Pastor Brown o qual apregoava ser “impossível para qualquer pessoa chegar ao Céu pela observância da Lei”. Ele declarou, então, em um duro ataque pessoal, que “a Sra. White é toda lei, lei; ela crê que nós devemos ser salvos pela Lei, o que é impossível para qualquer pessoa. Agora, eu creio em Cristo. Ele é meu Salvador”.⁵

Enquanto ela respondia rapidamente que tal afirmação era uma “falsa” representação de sua posição sobre o assunto, tal

desafio indubitavelmente contribuiu para avivar a sua compreensão e expressão do que realmente significa “crer”. Historicamente jamais houve qualquer fator tão eficiente para chamá-la a uma verdadeira clarificação teológica.

2. Ellen White também aparentava ter sentido que havia um involuntário legalismo se arrastando entre as fileiras do adventismo. Ela estava inquieta no sentido de que uma preocupação com a observância da Lei estivesse obscurecendo a segurança da aceitação, em muitos casos (incluindo pregadores adventistas). Provavelmente a mais importante expressão dessa preocupação foi vista na reunião da Associação Geral realizada em 1883, em Battle Creek. Na verdade, eu até poderia dizer que, para Ellen White, essa assembléia foi uma “Mineápolis teológica”, cinco anos antes da histórica Assembléia de Mineápolis, em 1888. Notemos sua profunda preocupação sobre o assunto:

“Tenho ouvido testemunhos parecidos com este: ‘não tenho a luz que desejo; não possuo a segurança do favor de Deus’. Tais testemunhos expressam tão-somente descrença e escuridão. Estais vós expectantes de que vossos méritos vos recomendem ao favor de Deus, e que devais ser livres de pecado antes que poderdes



confiar em Seu poder salvador? Se é essa a luta que travais em vosso íntimo, eu temo que não obtereis forças, e finalmente sereis desamparados. ...

“Alguns parecem sentir que devem estar sob provação, e que devem provar ao Senhor que estão transformados antes que possam suplicar Suas bênçãos... Jesus apreciava que nos acheguemos a Ele da maneira como somos — pecadores, desamparados, dependentes. Nós clamamos para ser filhos da luz e não das trevas; por que temos de ser descrentes?”⁶

3. Esta forte ênfase sobre justificação, em 1883, foi seguramente inspirada pela exposição dos pensamentos de Tiago White. A evidência, refletida na mudança que ele procurou fazer no *Caminho da Vida*, indica que sua experiência, bem antes de sua morte, tinha causado um profundo impacto na esposa.⁷

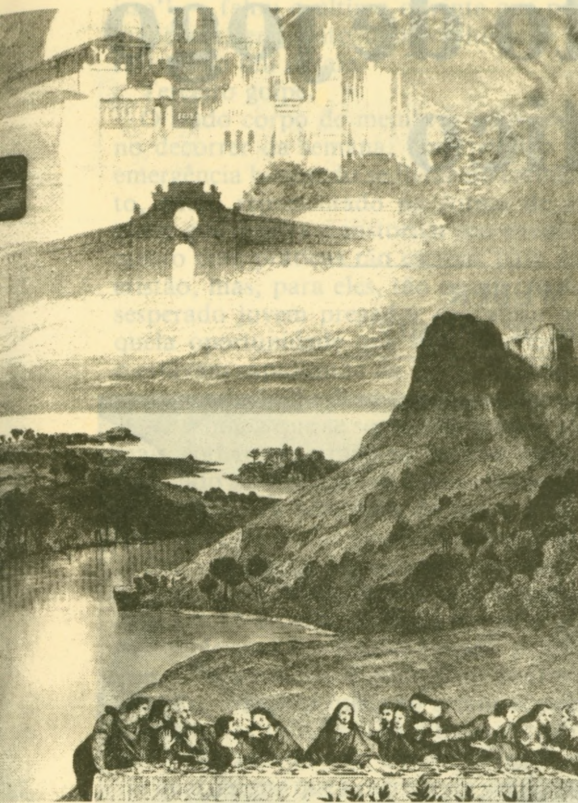
No início de 1881, o Pastor White começava a analisar a perigosa direção que a igreja parecia estar inconscientemente perseguindo. Ele informou aos leitores da *Review* sobre seu “inexprimível anseio da alma por Cristo” e instou aos ministros a

que “pregassem mais a Cristo”. Então, partilhou seu propósito de mudar o foco da mensagem: “sentimos que temos um testemunho a dar a nosso povo, para este tempo, relacionado ao exaltado caráter de Cristo, e Sua disposição e poder para salvar.”⁸ Que ele realizou muito bem esse ideal, foi percebido por um ministro de destaque, o qual declarou: “Onde quer que ele pregasse nos últimos meses, insistia longamente sobre a fé em Cristo e o ilimitado amor de Deus”.⁹

O impacto sobre Ellen White foi visível: um mês depois da morte do esposo, ela contou, numa carta escrita ao filho Willie, um sonho no qual Tiago relatava:

“Nós temos cometido um engano. Sempre estamos prontos a atender convites que os irmãos nos fazem para reuniões importantes. Não os temos recusado. ... Mas devemos também escrever sobre assuntos a respeito dos quais temos luz que os outros não têm.”¹⁰

Falando a estudantes da Escola Bíblica da Associação Geral, no início de 1890, em Battle Creek, ela renovou os votos tomados diante do leito de morte do seu



Assim as mudanças incorporadas na gravura *Caminho da Vida*, não eram exatamente um retoque artístico, mas refletiam as profundas alterações teológicas no pensamento e ministério de Tiago e Ellen White. Tais alterações tiveram suas mais enfáticas expressões em Mineápolis e seus resultados.

Para Ellen White, a elevação da cruz e uma renovada ênfase na Justificação pela Fé não eram matérias de superficial interesse ou mera curiosidade teológica, mas o próprio coração da proclamação adventista. Parecia haver uma linha direta de influência e desenvolvimento entre o período da gravura *Caminho da Vida* e o grande reavivamento antecipado pelo casal. Tal reavivamento da pregação centralizada em Cristo, deveria iluminar a Terra com sua glória, no estabelecimento da proclamação da Mensagem do Terceiro Anjo de Apocalipse 14.

Também está muito claro que as conclusões evidentes no *Caminho da Vida* eventualmente se tornariam um fator preponderante na crise de Mineápolis e seus controvertidos resultados: para Tiago e Ellen White, a questão não estava resumida à falta de piedade ou ausência de amor nas discussões teológicas. Suas preocupações certamente envolviam tais matérias, mas também compreendiam uma ausência de ênfase cristocêntrica na pregação adventista e uma falta de compreensão teológica sobre Justificação pela Fé, que acabaria retardando o trabalho da Chuva Serôdia e a chegada do longamente esperado Alto Clamor.

esposo, no sentido de apoiá-lo “acrescentando um elemento ao seu trabalho, que ainda não fizemos”.¹¹ Esse “elemento” aí referido é a Justificação pela Fé. Isso está bem claro no contexto da própria Escola Bíblica: ela foi especialmente resultado da Assembléia de Mineápolis em 1888, estabelecida para promover uma clara compreensão do tema. Além disso, na mencionada reunião da Escola Bíblica foram feitas algumas de suas mais poderosas declarações sobre Justificação pela Fé.¹²

1. A “História da gravura *Caminho da Vida*” (de autor desconhecido) está disponível como documento do Centro de Pesquisas E. G. White. O que se segue nas páginas seguintes é um resumo desse documento.

2. *Review and Herald*, 13/02/1874.

3. L. E. Froom, *Movement of Destiny*, Washington, D.C., R&H Pub., 1971, pág. 183.

4. *Carta*, 31/03/1880.

5. *Signs of the Times*, 18/07/1878.

6. Esses comentários foram direcionados a ministros da Associação Geral e foram publicados na *R&H*, 22/04/1884.

7. Bert Haloviak, *From Righteousness to Holy Flesh: Judgment at Minneapolis*, especialmente o capítulo 1, intitulado *Centrality of Justification*.

8. *Review and Herald*, 08/02/1881.

9. *Ibid.*, 30/08/1881.

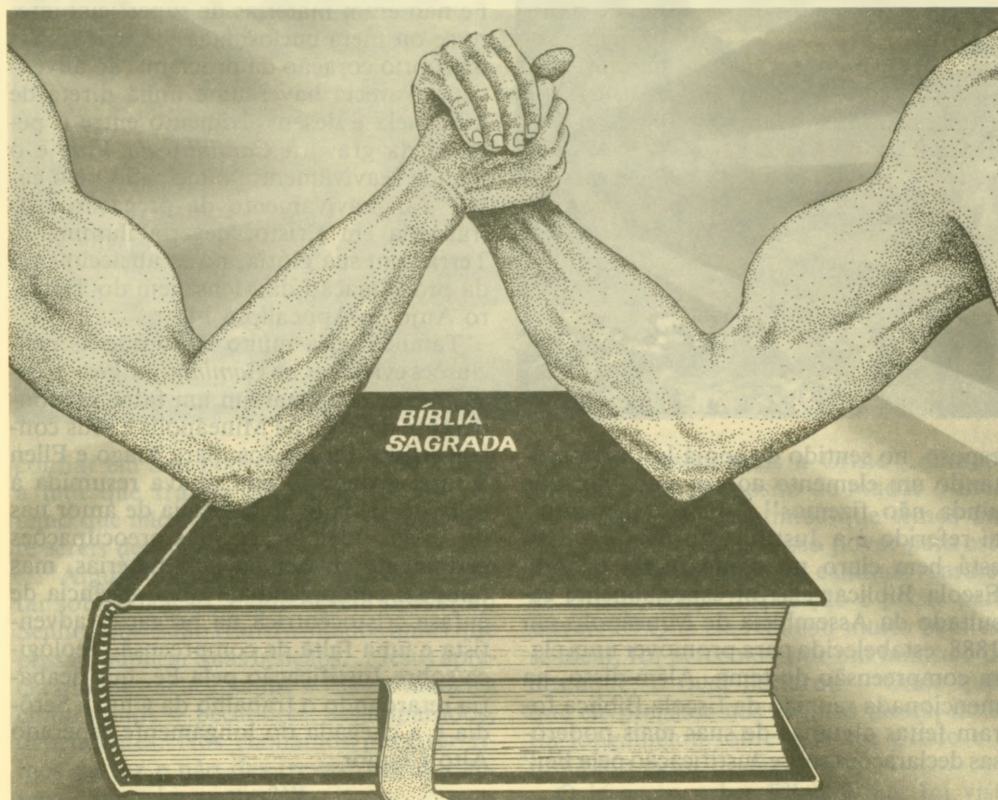
10. *Carta* 17, 12/09/1881.

11. *Manuscrito* 9, 03/02/1890.

12. Especialmente *Manuscrito* 36, incluído na compilação *Faith and Works*, Nashville: Southern Pub. Assn., 1979, págs. 15 a 28.

A propósito de jogo político

MARTIN WEBER
Editor associado de Ministry



Wanderley

Conta-se a história de um jovem pregador, recém-chegado do seminário, o qual queria impressionar sua pequena igreja sobre quão fortemente ele combateria o pecado. Em seu primeiro sermão, ele pregou contra os demônios do tabagismo. Depois da pregação, um idoso diácono chamou-o e sussurrou: “Tenha cuidado, filho. Um terço dessa gente planta fumo.”

Primeiro golpe.

Na semana seguinte, o jovem pastor falou contra os demônios do alcoolismo. O diácono olhou-o profundamente irritado, chamou-o a um canto, e novamente advertiu: “Jovem, você não sabe que um terço de nós aqui, estamos envolvidos na comercialização de bebidas alcoólicas?”

Segundo golpe.

Na terceira semana, o jovem pregador condenou com inegável convicção os demônios do jogo de azar. “Você preferiu

isso” — falou o último ouvinte que permanecera, enquanto deixava no solo os rastros do seu cavalo.

Terceiro golpe.

O irado corpo de membros convocou, no decorrer da semana, uma reunião de emergência buscando se livrar do tormento, então representado na forma de alguém que ousava transtornar seu envolvimento com práticas tão escusas para um cristão, mas, para eles, tão usuais. O desesperado jovem pregador descobriu naquela oportunidade que suas convicções o estavam expulsando da igreja. Solicitou que a comissão lhe desse uma nova chance.

Na semana que se seguiu ele pregou seu mais poderoso sermão na mesma igreja. Agitando seus braços com autoridade, ele amaldiçoou os demônios da pesca ilegal, fora dos limites das águas internacionais.

Daí em diante ele navegou tranqüilo. Todos o aprovaram. Finalmente ele aprendera a lição da sobrevivência política: não deixe que suas convicções causem problemas para você. Você pode falar contra o pecado, contanto que não sejam aqueles pecados dos quais seu auditório é culpado. Vá de acordo com a maré. Espere até ver qual o rumo que a carruagem vai tomar.

Muitos de nós, lamentavelmente, também nos encontramos tentados a fazer um agradável jogo político, sacrificando convicções e princípios no altar da ambição profissional ou instinto de sobrevivência. Jovens pastores, ansiosos por uma “promoção”, ou pastores idosos, mais preocupados com sustentação, agem assim. Ora aderem a grupos extremistas e radicais, ora vagueiam no espaçoso mas difícil deserto do secularismo. Mas o Senhor adverte: “Não ameís o mundo nem o que no mundo há. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele” (I João 2:15).

Muitos fundamentalistas, dotados mais de zelo do que discernimento, tentam amarar o pastor a tradições legalistas, não compreendendo que o que consideram firme fundamento não passa de areia movediça. Precisamos estar vigilantes.

Paulo, o apóstolo, recusou-se a abraçar qualquer produto proveniente de extremistas. No livro escrito aos gálatas, ele descreve uma intensa batalha com judaizantes na igreja, que ameaçavam o evangelho libertador dos novos convertidos. Ele disse que o surgimento da crise era devido a “falsos irmãos que se entremeteram

com o fim de espreitar a nossa liberdade que temos em Cristo Jesus, e reduzir-nos à escravidão; aos quais nem ainda por uma hora nos submetemos, para que a verdade do evangelho permanecesse entre vós” (Gál. 2:4 e 5).

O apóstolo Pedro, desafortunadamente, sucumbiu à pressão política chegando a “...apartar-se temendo os da circuncisão. E também os demais judeus dissimularam com ele, ao ponto de o próprio Barnabé ter-se deixado levar pela dissimulação deles” (Gál. 2:12 e 13).

Semelhantes a dois rastejantes camaleões, Pedro e Barnabé temporariamente se adaptaram ao ambiente legalista. Paulo, entretanto, permaneceu leal à sua fé, a despeito de enormes riscos políticos. Os líderes íntegros da atualidade seguirão o exemplo de Paulo.

Disse Jesus: “... O bom pastor dá a vida pelas ovelhas. O mercenário, ... vê vir o lobo, abandona as ovelhas e foge. Então o lobo as arrebatou e dispersa” (S. João 10:11 e 12).

Quantas vezes as ovelhas têm sido dispersas — novos membros e jovens são afastados de nossas igrejas — porque um pastor mercenário não os defendeu contra impiedosos extremistas. Eu estou convencido de que um dos mais importantes deveres pastorais é travar a batalha contra os lobos que atacam as ovelhas. Nós nem sempre nos atrevemos a tomar uma medida profilática na época de fazê-lo. E perecemos, as ovelhas e nós.

Nos tenebrosos dias do início da Segunda Guerra Mundial, Hitler, tirano em seu caminho, cruzou os limites da Tchecoslováquia. O primeiro ministro britânico, Neville Chamberlain, procurou apaziguá-lo com uma missão de paz a qualquer preço. Winston Churchill condenou a elegante covardia de Chamberlain, dispondo-se mesmo à guerra em defesa da liberdade. O mundo deve muito a Churchill por seu gesto.

A tentativa de Chamberlain pode deixar a igreja em paz, mas causa inominável dano ao condescender com os partidários legalistas cujas táticas equivalem a terrorismo. Ajude-nos Deus a guerrear, se for necessário, para resguardarmos hostes inocentes, não para salvar nossa reputação.

Devemos fazê-lo firme e misericordiosamente, mas devemos fazê-lo.

Prece do pastor

SENHOR, eu sou um pastor...

Um dia, depois de anos de estudo,

Me entregaram um diploma,

Dizendo que eu estava oficialmente
autorizado a evangelizar.

E eu jurei fazê-lo conscientemente!

Não é fácil, Senhor, não é nada fácil

Viver esse juramento

Na rotina sempre repetida

Da vida de um pastor:

Pregar, visitar, dar estudos bíblicos,

Batizar, casar, fazer cerimônias

fúnebres...

contudo, Senhor, eu quero ser um
pastor...

Alguém junto de alguém,

Não mecânico numa engrenagem;

Mas, gente salvando gente!

Que todo aquele que me procura,

Em busca de cura espiritual,

Encontre em mim mais do que o
profissional...

Que eu saiba parar para ouvi-lo...

Sentar junto ao seu leito, para

animá-lo...

Tomar sua dor como minha, para
ajudá-lo...

E, muito importante, Senhor:

Que eu não perca a capacidade
de chorar!

Que eu saiba ser pastor...

Alguém junto de alguém...

Gente salvando gente.

Como Tu, Senhor! —(Adaptado
por *Horne P. Silva*).